

ISSN 0103-6866

DAPHNE

REVISTA DO HERBÁRIO PAMG

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DE MINAS GERAIS



EPAMIG

v.2 – n.1 – out. 1991

DAPHNE – Revista do Herbário PAMG/EPAMIG – é uma publicação trimestral da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG, e tem como objetivos divulgar e difundir o conhecimento científico inédito nas áreas de botânica, que versem sobre assuntos relacionados à flora do estado de Minas Gerais.

A distribuição a instituições será feita mediante permuta de publicações afins, sendo que aquelas que não tenham publicações ativas poderão obter a Revista através de assinatura.

As publicações recebidas por permuta ficarão na Biblioteca do PAMG/EPAMIG.

A revista DAPHNE aceita artigos de outros autores e/ou instituições, desde que seguidas as normas constantes no final da Revista.

Correspondência para o Herbário PAMG/EPAMIG – Av. Amazonas, 115 – Caixa Postal 515 - CEP 30188 Belo Horizonte, MG.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Governador: Hélio Carvalho Garcia

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

Secretário: Alysson Paulinelli

EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais

Diretoria:

Mário Ramos Vilela – Presidente
Marcelo Franco – Superintendente de Administração e Finanças
Gabriel Ferreira Bartholo – Superintendente de Pesquisa e Operações

Comissão Editorial – Revista Daphne:

Octávio Almeida Drummond – EPAMIG-BH
Mítzi Brandão – EPAMIG-BH
Julio Pedro Laca-Buendia – EPAMIG-BH
Heloisa Mattana Saturnino – EPAMIG-BH
Elsie Franklin Guimarães – Jardim Botânico-RJ
Manuel Losada Gavilanes – ESAL – Lavras, MG
Uebi Jorge Naime – EMBRAPA-BH

Editor: Geraldo Magela Carozzi de Miranda

Editores Assistentes: Samuel Guimarães e Vicente Paulo dos Anjos

Projeto Gráfico e Editorial: Márcia Selvátici

Revisão Lingüística e Gráfica: Maria Lourdes de Aguiar Machado, Marlene A. Ribeiro Gomide, Rosely Aparecida Ribeiro Battista, Teresa Cristina Pessoa Brandão

Revisão Inglês/Latim: Octávio Almeida Drummond

Revisão Bibliográfica: Fátima Rocha Gomes, Maria Lúcia de Melo

Arte: Euler França do Nascimento – Montagem: Reinaldo Maia Valério

Composição: Dulce de Melo Oliveira, Maria Alice Vieira, Maria de Fátima Ferreira, Rosangela Maria Mota Ennes

Daphne: revista do Herbário PAMG da EPAMIG. –
v.1, n.1 – (out. 1990) –
Belo Horizonte: EPAMIG, 1990 –
v.: il.

Trimestral
ISSN 0103-6866

1. Botânica-Periódico. I. EPAMIG.

CDD:581.05

DAPHNE

Filha da deusa Terra, Daphne era uma ninfa grega de grande beleza, que perambulava alegre pelos bosques. Um dia, Apolo, deus do sol, sentindo-se atraído pela formosura da ninfa, passou a persegui-la. Daphne fugiu do assédio do deus e correu desesperadamente, pedindo socorro.

Porém, a deusa Terra, apiedando-se da jovem Daphne, abriu uma grande fenda no caminho de sua fuga. A ninfa, então, desapareceu no ventre de sua mãe, para a tristeza de Apolo.

No lugar onde a ninfa caiu, nasceu um loureiro, que, através de uma coroa feita com suas folhas, passou a servir para marcar os feitos heróicos dos gregos.

Assim, como Daphne representa uma planta que ressurge do seio de sua mãe Terra, emprestando os seus ramos para a coroação dos vitoriosos, a nossa Revista pretende estimular o estudo e, conseqüentemente, o respeito pelas nossas plantas, tão drasticamente erradicadas, no intuito de conscientizar e resgatar, o pouco que resta de nossa flora.

A humanidade, às vésperas do século XXI, aumenta sua sensibilidade, preocupação e interesse pela natureza, defende com mais lucidez a preservação dela, a qualidade do ambiente, bem como pressiona para que se comece a reparar o que foi danificado. Danos que atenderam a objetivos diversos, mas sobretudo, à busca de ganhos no curto prazo. O homem, neste final de século, já usa uma linguagem mais simples para mostrar seus anseios. A sociedade brasileira, por sua vez, avança na sua consciência para alcançar o pensamento e a prática daquelas mais desenvolvidas, não só no que se refere à modernização econômica, mas também em relação à qualidade de vida e à garantia das necessidades básicas do ser humano. Uma destas necessidades é um meio ambiente saudável.

Nesta última metade do século XX, os danos causados pelo homem à natureza são incalculáveis e, em diversas circunstâncias, quase que irreparáveis. As conseqüências, portanto, mostram à humanidade que o caminho escolhido pode não estar muito certo. É preciso reavaliá-lo e procurar soluções mais próximas do natural. Se reparar os danos é quase impossível, não causar outros, é uma atitude inadiável. Reconstituir o original ou o real é ficção. Porém, o ser humano não vive sem ficção, isto é, não vive sem a busca incessante de reproduzir o real. A natureza precisa ter sua "restauração" iniciada, uma das preocupações da EPAMIG.

A revista DAPHNE, jovem, desempenha sua função técnico-científica no estudo, registro e divulgação da flora mineira e brasileira, desenvolvendo um trabalho fundamental para o melhor conhecimento do nosso potencial nato de espécies vegetais, seus hábitos e importância.

MÁRIO RAMOS VILELA
Presidente da EPAMIG

AUTORES

Bruno Queiroz Silveira

Bolsista CNPq, Iniciação Científica/ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200 Lavras, MG.

Cláudio Ney D'Angieri Filho

Bolsista do CNPq, Iniciação Científica/ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200 Lavras, MG.

Cynthia Cardoso

Eng^o Agr^o, BS – Bolsista CNPq-BS, Iniciação Científica/ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200 Lavras, MG.

Heloisa Mattana Saturnino

Eng^o Agr^o, M.Sc. – Pesq./EPAMIG/FEGR – Caixa Postal 12 – CEP 39440 Janaúba, MG.

Julio Pedro Laca-Buendia

Eng^o Agr^o, M.Sc. – Pesq./EPAMIG – Caixa Postal 515 – CEP 30188 Belo Horizonte, MG.

Manuel Losada Gavilanes

Biólogo, M.Sc. – Prof. Botânica/ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200 Lavras, MG.

Maria Ângela Soares de Araújo

Bolsista CNPq, Iniciação Científica/ESAL – Caixa Postal 37 – CEP 37200 Lavras, MG.

Mítzi Brandão

Botânica, M.Sc., Taxionomia Vegetal – Pesq./EPAMIG – Bolsista CNPq – Caixa Postal 515 – CEP 30188 Belo Horizonte, MG.

SUMÁRIO

<i>Stylosanthes nunoï</i> Brandão, nova espécie <i>Stylosanthes</i> Sw. (FABACEAE), para o Estado de Minas Gerais – Brasil Mítzi Brandão	5
Flórlula da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras, MG. II – Formação Campo Rupestre Manuel Losada Gavilanes, Mítzi Brandão	7
Ocorrência de sementes de <i>Bougainvillea Commers</i> spp. no Estado de Minas Gerais Heloisa Mattana Saturnino	19
Nova ocorrência para <i>Aeschynomene</i> L. (FABACEAE) para o Estado de Minas Gerais III Mítzi Brandão	23
Plantas daninhas raramente mencionadas ou não citadas como ocorrentes em Minas Gerais III Mítzi Brandão, Manuel Losada Gavilanes, Júlio Pedro Laca-Buendia	25
Plantas invasoras e/ou daninhas no Município de Lavras, MG. Manuel Losada Gavilanes, Mítzi Brandão, Cynthia Cardoso, Bruno Queiroz Silveira, Cláudio Ney D'Angieri Filho, Maria Ângela Soares de Araújo	29

STYLOSANTHES NUNOI BRANDÃO, NOVA ESPÉCIE DO GÊNERO STYLOSANTES SW. (FABACEAE),
PARA O ESTADO DE MINAS GERAIS – BRASIL¹

MÍTZI BRANDÃO

SUMÁRIO: É descrita uma nova espécie do gênero *Stylosanthes* Sw. (Fabaceae) para o estado de Minas Gerais: *Stylosanthes nunoi* Brandão.
Palavras-chave: *Stylosanthes nunoi* Brandão, sp.n. Fabaceae.

SUMMARY: A new species of *Stylosanthes* Sw. (Fabaceae) for Minas Gerais, Brazil, is described. *Stylosanthes nunoi* Brandão.
Kew-words: *Stylosanthes nunoi* Brandão, sp.n. Fabaceae.

INTRODUÇÃO

Ferreira; Costa (1979), quando da publicação de "O gênero *Stylosanthes* Sw. no Brasil", acrescentaram nove espécies novas para o gênero, elevando para 39 o número total de espécies então conhecidas, conforme Mohlenbrock (1958,1963). Para Minas Gerais apenas dez espécies haviam sido mencionadas, as quais, acrescidas das nove citadas por Ferreira; Costa (1979) e a descrita no presente trabalho, elevam para 20 o número total de espécies para o Estado, a metade, portanto, daquelas citadas para todo o mundo.

MATERIAL E MÉTODOS

Além do exame dos "Typus", oriundos de vários herbários estrangeiros e daqueles depositados no RB (Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro) e PAMG (Herbário da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais), foram também examinadas não só as exsicatas encontradas no Herbário do CENARGEN/EMBRAPA, que contém o maior acervo de plantas ligadas à família Fabaceae, como também bibliografias especializadas tais como: Benth (1859/1862, 1875/1876), Mohlenbrock (1958,1963) e Brandão (1987).

RESULTADOS

Stylosanthes nunoi Brandão Sp.n.

Suffrutex erectus, ramosissimus, 30-40cm altus, villosus, glandulosus, setis hispidis intermixtis vestitus. Stipulae ellipticae lanceolatae ad medium adnatae, base vaginantes, membranaceae, parte libera erecta vel patente rigida, pilosa, setis intermixtis 5-7mm longae, 2,5-3,5mm latae, 5-7 nervatae; petiolus supra stipula, 4-7,5mm longus; foliola maxima linear-lanceolata, acuta, utrinque pilosa et setis hispidis intermixtis; 12-22,0mm longa, 2-3mm lata, venosa, nervi utrinque, 12-14 nervata; spicae congestae, parvae, cupuliformis, pauciflorae, terminalis vel axilares, 7-9mm longae, 4-6mm latae; bracteae imbricatae, quadrilaterae, unifoliolatae, bifidae, ad medium adnatae, parte libera erecta vel patente, rigida, triangulare, 4-5mm longae, 3-4mm latae, 7-9 nervatae;

bracteolae 2, hyalinae vel sub paleacea, utrinque pilosae, apice ciliatae; stipes plumosus nullus. Calycis tubus filiformis, limbus campanulatis, membranaceus; lobi 5, ciliatis; flores parvae, corolla flava; legumen articulo supero obovatum, pubescentibus, reticulatis, papillosum, 3,5-3,9mm longum, 2-2,1mm latum, et infero, reticulatum, pubescentibus, 3-3,2mm longum et 2-2,2mm latum; semen nigrum 2-2,1mm longum, 1,2-1,3mm latum.

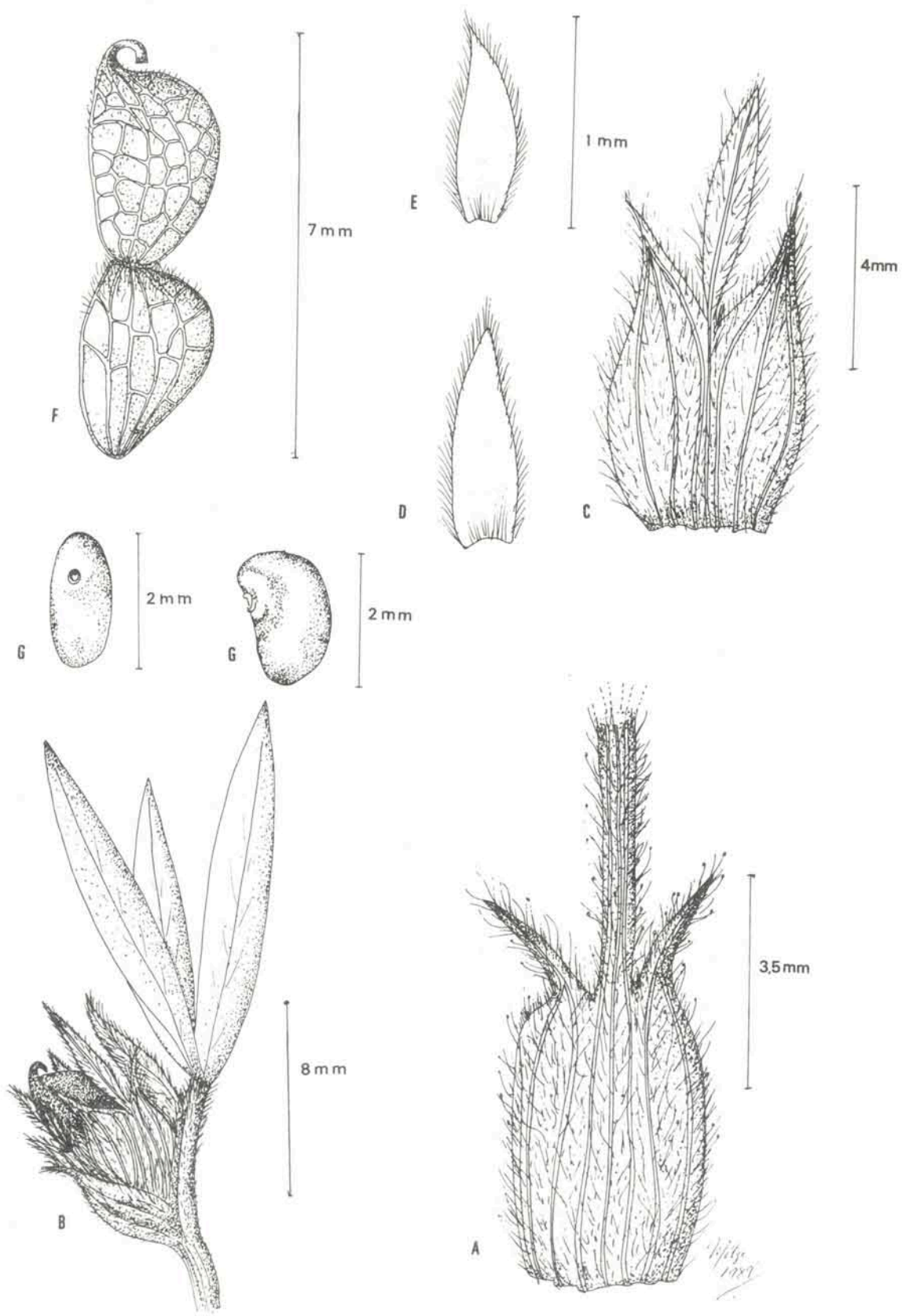
Stylosanthes nunoi Brandão

Subarbusto ereto, com 30-40cm de altura, de caule lenhoso, com entrenós curtos; caule com 7-8mm de espessura; raiz pivotante. Caule, folíolos, estípulas e brácteas recobertos por pilosidade curta, glanduloso-cerosa. Estípula elíptico-lanceolada com 5-7,5mm de comprimento por 2,5-3,5mm de largura, e 5 a 7 nervuras; pecíolo acima da estípula com 4-7,5mm de comprimento; folíolos lineares e/ou lanceolados agudos, com 12-22mm de comprimento por 2-3mm de largura, pilosos nas duas faces, apresentando cerdas e 12-14 nervuras. Inflorescência congesta, em forma de pequena taça, com 7-8mm de comprimento por 4-6mm de largura, com poucas flores. Brácteas de elípticas a quadrangulares, com 4-5mm de comprimento por 3-4mm de largura, unifolioladas, pilosas, com a parte livre ereta, patente, triangular, apresentando de 7 a 9 nervuras. Duas bractéolas, hialinas, pilosas e ciliadas. Não apresenta eixo plumoso. Cálice campanulado, com 5 lobos, piloso, ciliado; flores apresentando corola amarela, de vexilo estriado; fruto com dois artículos férteis, sendo o superior obovado, reticulado, pubescente, papiloso, com 3,5-3,9mm de comprimento por 2-2,1mm de largura e o inferior, reticulado, pubescente, com 3-3,2mm de comprimento por 2-2,2mm de largura; semente negra, com 2-2,1mm de comprimento e 1,2-1,3mm de largura.

MATERIAL EXAMINADO

BRASIL, Minas Gerais: Urucuia, N.M.S. Costa, 15 (RB, holótipo; isótipo, PAMG).

^{1/} Aceito para publicação em 31 de março de 1991.



Stylosanthes nunoii Brandão

A – estípula; B – inflorescência; C – brácteas; D e E – bracteólas; F – fruto; G – semente.

HÁBITAT

Cerrado, em solo arenoso, muito pobre, relevo suave ondulado; Noroeste do estado de Minas Gerais, município de Uruçuaia, em altitude de 400-600m.

OBSERVAÇÕES TAXONÔMICAS

A nova espécie pertence à secção *Stylosanthes*, encontrando-se muito próxima de *S. hippocampoides*. Apresenta-se como planta muito ramificada e robusta, de entrenós muito curtos. Possui folhas trifoliadas, folíolos com 5-6 pares de nervuras, espessadas em seu terço superior; estilete pequeno e levemente uncinado; artículos elípticos, com sementes pretas. Distingue-se de *S. hippocampoides*, que é mais delicado e menos ramificado, apresentando folhas com 3-4 pares de nervuras espessadas; estilete pequeno e fortemente uncinado, em posição quase lateral pela expansão da semente; artículos obovóides e sementes acastanhadas.

O nome da espécie foi dado em homenagem ao pesquisador da EPAMIG Nuno Maria de Souza Costa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTHAN, G. Leguminosae I. In: MARTIUS, C.F.P. von; EICHLER, A.G.; URBAN, I. (Ed.). **Flora Brasiliensis**. Leipzig, 1859/1862. v.15, part. 1.
- BENTHAN, G. Leguminosae II. In: MARTIUS, C.F.P. von; EICHLER, A.G.; URBAN, I. (Ed.). **Flora Brasiliensis**. Leipzig, 1875/1876. v.15, part. 2.
- BRANDÃO, M. *Stylosanthes nunoi* Brandão; uma nova espécie do gênero *Stylosanthes* Sw., para o Estado de Minas Gerais. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 38, 1987, São Paulo. **Resumos...** São Paulo: USP, 1987. p. 206.
- FERREIRA, M.B.; COSTA, N.M.S. **O gênero *Stylosanthes* Sw. no Brasil**. Belo Horizonte: EPAMIG, 1979. 107p.
- MOHLENBROCK, J.E. Further considerations in *Stylosanthes* (Leguminosae). **Rhodora**, v.64, p. 245-258, 1963.
- MOHLENBROCK, J.E. A revision of the genus *Stylosanthes*. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, St. Louis, v.44, p.299-354, 1958.

FLÓRULA DA RESERVA BIOLÓGICA MUNICIPAL DO POÇO BONITO, LAVRAS – MG. II – FORMAÇÃO CAMPO RUPESTRE ¹

MANUEL LOSADA GAVILANES e MÍTZI BRANDÃO

SUMÁRIO: O presente trabalho enfoca o levantamento dos componentes da formação Campo Rupestre ocorrentes na Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, que se localiza na cidade de Lavras, Minas Gerais, Brasil. Foram coletadas e identificadas 285 espécies, distribuídas em 144 gêneros pertencentes a 55 famílias. São assinaladas as espécies que podem apresentar potencial econômico como apícolas, édulas, forrageiras, madeireiras, medicinais e ornamentais.

Palavras-chave: Flora de Lavras, Poço Bonito, MG.

SUMMARY - In continuation of the studies of the plants occurring at the Poço Bonito Biological Reserve of the municipality of Lavras, Minas Gerais state, Brasil, 285 different species of phanerogamic plants were identified, belonging to 144 genera of 55 families. The properties of the species for pharmaceutical, apiarist, edible, forage, timber and ornamental purposes are mentioned. Common species to the mountains of the state were found as well quite a few with more restricted distribution. Several weeds were also found.

Key-words: Flora of Lavras, Poço Bonito, MG.

INTRODUÇÃO

Dando continuidade ao estudo da cobertura vegetal da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito em Lavras - MG,

feito por Gavilanes; Brandão (1987,1991) e Gavilanes et al. (1990), enfocam-se, no presente artigo, as espécies ocorrentes na formação Campo Rupestre.

¹ para publicação em 31 de março de 1991.

Esta formação mostra-se bem definida dentro da área em estudo, limitando-se, no seu ponto extremo inferior, com o Cerrado e, no superior, com o Campo Limpo, e apresentando faixas de transição entre eles.

O relevo local é movimentado, com Solos Litólicos rasos ou muito rasos, e ocorrência de hematita.

A cobertura vegetal é predominantemente arbustivo-herbácea, com raras arvoretas, havendo dominância de espécies das famílias Compositae, Gramineae, Melastomataceae, Rubiaceae, Malpighiaceae, Fabaceae, Cyperaceae, Orchidaceae, Euphorbiaceae e Polygalaceae, e gêneros representativos do Campo Rupestre, que também ocorrem em outras regiões do Estado, conforme verificado por autores que trabalharam nesse tipo de formação, tais como: Silveira (1908); Barreto (1949); Magalhães (1955); Ferreira; Magalhães (1977); Ferreira et al. (1977/1978); Badini (1978); Giuliatti et al. (1987); Brandão et al. (1991) e Brandão; Gavilanes (1990).

Esse tipo de formação é freqüente em vários pontos da Serra do Espinhaço e nas suas disjunções (Barreto, 1949), (Magalhães, 1955) e (Ferreira; Magalhães, 1977), onde ocorreriam muitas das espécies encontradas na Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito.

MATERIAL E MÉTODOS

Desde 1982, vêm sendo realizadas coletas de material botânico, de forma aleatória, na área em estudo. No período

1985/1987, foram realizadas excursões, duas em cada estação, para observações, anotações de dados e coletas, de forma mais intensiva, de material botânico da área da Reserva. Durante a realização das coletas, foram também levadas a efeito anotações sobre os usos locais das espécies ocorrentes.

Do material coletado, após tratamentos e manuseio, prepararam-se exsicatas botânicas, que estão depositadas nos herbários ESAL (Herbário do Departamento de Biologia da Escola Superior de Agricultura de Lavras - ESAL, Lavras, MG) e PAMG (Herbário da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - EPAMIG, Belo Horizonte, MG).

Depois de identificadas, as espécies foram listadas de acordo com as famílias e gêneros a que pertencem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cadastramento das espécies ocorrentes na área recoberta pelo Campo Rupestre, da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, dá continuidade ao trabalho de Gavilanes; Brandão (1991) onde são enfocadas as espécies de Cerrado, e se estabelece a primeira etapa para estudos posteriores da cobertura vegetal de todo o município de Lavras.

Nesse Campo Rupestre, foram coletadas e identificadas, até o presente momento, 285 espécies, com 144 gêneros, englobados em 44 famílias (Quadro 1).

A sua composição florística contém elementos comuns a

QUADRO 1 - Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
ACANTHACEAE							
<i>Ruellia geminiflora</i> H.B.K.		x					
AMARANTHACEAE							
<i>Gomphrena incana</i> Mart.	Perpétua	x			x		
<i>Pfaffia jubata</i> Mart.	Perpétua	x			x	x	
AMARYLLIDACEAE							
<i>Alstroemeria cunea</i> Vell.	Lírio-amarelo	x				x	
ANACARDIACEAE							
<i>Anacardium humile</i> St. Hil.	Cajuí	x					
APOCYNACEAE							
<i>Macrosiphonia longiflora</i> Muell. Arg.	Velame				x	x	
<i>Macrosiphonia velame</i> (St. Hil.) Muell. Arg.	Velame				x	x	
<i>Rhodocalyx rotundifolius</i> Muell. Arg.							

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
AQUIFOLIACEAE							
<i>Ilex</i> sp.							
ARACEAE							
<i>Anthurium sellowianum</i> Kunth,						x	
ARISTOLOCHIACEAE							
<i>Aristolochia</i> sp.					x		
ASCLEPIADACEAE							
<i>Ditassa acerosa</i> Mart. et Zucc.	Cipó-de-leite	x					
<i>Oxypetalum banksii</i> Roem. et Sch.	Cipó-de-leite	x					
<i>Oxypetalum strictum</i> Mart. et Zucc.	Cipó-de-leite	x					
BIGNONIACEAE							
<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.	Caroba	x			x	x	
BORAGINACEAE							
<i>Heliotropium</i> sp.		x					
BROMELIACEAE							
<i>Dickia tuberosa</i> (Vell.) Beer	Abacaxi-das-pedras	x					
CAESALPINACEAE							
<i>Cassia falcata</i> Dum.						x	
<i>Cassia incurvata</i> Benth.						x	
<i>Chamaecrista cathartica</i> (Mart.) Irwin et Barnaby	Meladinha					x	
<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip.	Amarelinha					x	
<i>Chamaecrista setosa</i> (Vog.) Irwin & Barnaby						x	
CAMPANULACEAE							
<i>Lobelia camporum</i> Pohl.	Estrela-de-belém	x			x		
<i>Siphocampylus macropodus</i> (Bilb.) Pohl.	Chifrinho					x	
<i>Siphocampylus verticilatus</i> (Cham.) G. Don.	Chifrinho					x	
<i>Siphocampylus westinianus</i> (Bilb.) Pohl.	Chifrinho					x	
<i>Wahlebergia brasiliensis</i> Cham.							
<i>Wahlebergia linarioides</i> DC.							
COMPOSITAE							
<i>Achyrocline capitata</i> DC.	Macela	x			x	x	
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela	x			x	x	
<i>Actinoseris radiata</i> (Vell.) Cabr.							
<i>Alomia fastigiata</i> (Gardn.) Benth. ex Baker	Mata-pasto	x					
<i>Aspilia joliacea</i> (Spreng.) Baker	Margardinha					x	
<i>Aspilia subpetiolata</i> (Spreng.) Baker	Margardinha					x	
<i>Aspilia warmingii</i> Baker	Margardinha					x	

QUADRO 1 – Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas (Continua)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
COMPOSITAE							
<i>Aster camporum</i> Gardn.		x			x		
<i>Baccharis aphylla</i> (Vell.) A.P. DC.	Catuaba-do-campo	x			x		
<i>Baccharis discolor</i> Baker.		x			x		
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Alecrim, vassourinha	x			x		
<i>Baccharis lymanii</i> G.M. Barroso							
<i>Baccharis platypoda</i> DC.		x					
<i>Baccharis retusa</i> DC.		x					
<i>Baccharis schultzii</i> Baker		x					
<i>Baccharis serrula</i> Sch.-Bip.		x					
<i>Baccharis subdentata</i> A.P. DC.		x					
<i>Baccharis trimera</i> DC.	Carqueja	x			x	x	
<i>Bidens brasiliensis</i> Sherf.						x	
<i>Brickellia pinifolia</i> (Gardn.) A. Gray	Alfinete					x	
<i>Calea clauseniana</i> Baker	Margaridinha					x	
<i>Calea melissaefolia</i> Baker	Margaridinha					x	
<i>Dasyphyllum candolleianum</i> (Gardn.) Cabr.						x	
<i>Eremanthus glomerulatus</i> Less.	Boleiro	x				x	
<i>Eremanthus incanus</i> (Schultz-Bip) DC.		x				x	
<i>Eupatorium amygdalinum</i> Lam.	Mata-pasto	x					
<i>Eupatorium horminoides</i> Baker	Erva-branca	x					
<i>Eupatorium kleinioides</i> H.B.K.		x					
<i>Eupatorium mollissimum</i> Baker		x					
<i>Eupatorium spathulatum</i> Hook.		x					
<i>Eupatorium squalidum</i> DC.	Mata-pasto	x			x		
<i>Eupatorium stachyophyllum</i> Spreng.		x					
<i>Eupatorium velutinum</i> Gardn.		x					
<i>Gochnatia barrosii</i> Cabr.		x					
<i>Gochnatia paniculata</i> (Less.) Cabr.		x					
<i>Ichthyothere cunabi</i> Mart.		x					
<i>Inulopsis scaposa</i> (Baker) O. Hoffm.							
<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Arnica	x			x	x	
<i>Mikania glauca</i> Mart.	Guaco	x			x		
<i>Mikania sessilifolia</i> DC.	Guaco	x			x		
<i>Pterocaulon alepecurioides</i> (Lam.) DC.	Barbasco	x					
<i>Pterocaulon lanatum</i> Kuntze.	Barbasco	x					
<i>Pterocaulon rugosum</i> (Vahl.) Malme	Barbasco	x			x		
<i>Trichogonia villosa</i> (Spreng.) Sch.-Bip.		x					
<i>Trixis glutinosa</i> D. Don		x					
<i>Vanillosmopsis erythropappa</i> (DC.) Sch.-Bip.	Candeia	x			x	x	
<i>Vanillosmopsis polycephala</i> Sch.-Bip.	Candeia	x			x	x	
<i>Vernonia apiculata</i> Mart.		x					
<i>Vernonia bellioides</i> Ekman.		x					
<i>Vernonia desertorum</i> Mart.		x					
<i>Vernonia eremophylla</i> Mart.		x					
<i>Vernonia fruticulosa</i> Mart.		x					
<i>Vernonia holosericea</i> Mart.							
<i>Vernonia lacunosa</i> Less.		x					
<i>Vernonia linearis</i> Spreng.		x			x		

QUADRO 1 – Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas (Continua)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
COMPOSITAE							
<i>Vernonia ruficoma</i> Schlecht.	Assa-peixe	x			x		
<i>Vernonia simplex</i> Less.							
CONVOLVULACEAE							
<i>Evolvulus aurigenus</i> Mart.	Getirana					x	
<i>Evolvulus linarioides</i> Meissn.	Getirana					x	
<i>Ipomoea</i> sp.							
<i>Merremia tomentosa</i> (Choisy) Hall.						x	
CYPERACEAE							
<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B. Clarke							
<i>Bulbostylis paradoxa</i> (Spreng.) C.B. Clarke							
<i>Bulbostylis sphaerocephala</i> (Boeck) C.B. Clarke							
<i>Dichromena ciliata</i> Vahl.	Capim-estrela						
<i>Dichromena consanguinea</i> Kunt.	Capim-estrela						
<i>Lagenocarpus rigidus</i> (Kunth.) Nees						x	
<i>Rhynchospora consanguinea</i> (Kunth.) Boeck	Capim-navalha					x	
<i>Rhynchospora corymbosa</i> (L.) Britton	Capim-navalha					x	
<i>Rhynchospora globosa</i> (H.B.K.) R. & S.	Capim-navalha					x	
ERICACEAE							
<i>Gaylussacia montana</i> (Pohl.) Sleum		x					
<i>Lavradia ericoides</i> L.		x					
<i>Leucothoe pohlilii</i> (D. Don) Sleum		x					
<i>Leucothoe pulchella</i> DC.		x					
<i>Leucothoe salicifolia</i> DC.		x					
ERIOCAULACEAE							
<i>Paepalanthus blepharocnemis</i> Mart.							
<i>Paepalanthus elongatus</i> (Bong.) Koern.	Sempre-viva					x	
<i>Paepalanthus polyanthus</i> (Bong.) Kunth.	Sempre-viva					x	
<i>Paepalanthus trichophyllus</i> (Bong.) Koern.	Sempre-viva					x	
<i>Syngonanthus nitens</i> (Bong.) Ruhl.	Sempre-viva					x	
<i>Syngonanthus nitens</i> (Bong.) Ruhl.	Sempre-viva					x	
ERYTHROXYLACEAE							
<i>Erythroxylum campestre</i> St. Hil.							
<i>Erythroxylum deciduum</i> St. Hil.	Cabelo-de-negro	x			x		
EUPHORBIACEAE							
<i>Croton campestris</i> St. Hil.	Velame	x			x		
<i>Croton lundianus</i> (F. Dieder.) Muell.							
<i>Euphorbia chrysophylla</i> Boiss.							
<i>Euphorbia prostata</i> Ait.						x	
<i>Phyllanthus niruri</i> L.						x	
<i>Sebastiania corniculata</i> Muell. Arg.							

QUADRO 1 – Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas (Continua)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
FABACEAE							
<i>Andira humilis</i> Benth.	Mata-barata						
<i>Clitoria guianensis</i> Benth.	Marmelada	x				x	
<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.	Carrapicho	x		x	x		
<i>Eriosema heterophylla</i> Benth.	Borboleta			x			
<i>Eriosema longifolium</i> Benth.				x			
<i>Stylosanthes guianensis</i> (Aubl.) Sw.	Alfafa-do-campo	x		x	x		
<i>Stylosanthes gracilis</i> H.B.K.	Alfafa-do-campo	x		x	x		
<i>Stylosanthes scabra</i> Vog.	Alfafa-do-campo	x		x	x		
<i>Zornia curvata</i> Mohlemb.	Urinária	x		x	x		
<i>Zornia latifolia</i> Sw.	Urinária	x		x	x		
<i>Zornia reticulata</i> Sw.	Urinária	x		x	x		
GENTIANACEAE							
<i>Calolisianthus karmesinus</i> Gilg.	Lírio-do-campo					x	
<i>Calolisianthus pedunculatus</i> (Cham. & Schl.) Gilg.	Lírio-do-campo					x	
<i>Calolisianthus speciosus</i> (Cham. & Schl.) Gilg.	Lírio-do-campo					x	
<i>Lisianthus elegans</i> Regelp.	Lírio-do-campo					x	
GESNERIACEAE							
<i>Reichsteineria allagophylla</i> Regelp.						x	
GLEICHENIACEAE							
<i>Gleichenia flexuosa</i> (Schrad.) Mettenius	Samambaia-dura					x	
<i>Gleichenia furcata</i> (L.) Spreng.	Samambaia-dura					x	
<i>Gleichenia longipes</i> (Fee) Christensen	Samambaia-dura					x	
<i>Gleichenia rigida</i> Sw.	Samambaia-dura					x	
GRAMINEAE							
<i>Andropogon bicornis</i> L.	Capim-rabo-de-burro			x	x		
<i>Andropogon hirtiflorus</i> Nees	Capim-palha			x			
<i>Andropogon leucostachys</i> H.B.K.	Capim-membeca			x		x	
<i>Andropogon ternatus</i> (Spreng.) Nees				x			
<i>Aristida adscencionis</i> L.	Capim-fino			x			
<i>Aristida pallens</i> Cav.	Capim-fino			x			
<i>Aristida recurvata</i> Humb. et Bompl.	Capim-fino			x			
<i>Aristida setifolia</i> H.B.K.	Capim-fino			x			
<i>Aristida tinctoria</i> Trin. & Rupr.				x			
<i>Axonopus aureus</i> Beauv.	Capim-barbicha					x	
<i>Axonopus brasiliensis</i> (Spreng.) Kuhlman	Capim-barbicha					x	
<i>Axonopus canescens</i> Nees et Pilger	Capim-barbicha			x		x	
<i>Briza calotheca</i> Hook						x	
<i>Ctenium cirrhosum</i> (Nees) Kunth.	Capim-cílio			x		x	
<i>Diandrostachya chrysothrix</i> (Nees) Jacques-Felix	Capim-ouro			x		x	
<i>Echinolaena inflexa</i> (Poir.) Chase	Capim-flecha			x			
<i>Elyonurus muticus</i> (Spreng.) Kunth.							
<i>Eragrostis solida</i> Nees	Capim-barbado			x			

QUADRO 1 – Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas (Continua)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
GRAMINEAE							
<i>Leptocoryphium lanatum</i> (H.B.K.) Nees							
<i>Mesosetum ferrugineum</i> (Trin.) Chase	Capim-ouro			x		x	
<i>Mesosetum lolijforme</i> (Hochst.) Chase				x			
<i>Panicum campestre</i> Nees.	Capim-mimoso			x			
<i>Panicum cyanescens</i> Nees.				x			
<i>Paspalum polyphyllum</i> Nees.				x			
<i>Paspalum splendens</i> Trin.				x			
<i>Schyzachyrium sanguineum</i> (Retz.) Alst.							
<i>Schyzachyrium tenerum</i> Nees.							
<i>Setaria geniculata</i> (Lam.) Beauv.							
<i>Sporolobus cubensis</i> Hitch.							
<i>Trachypogon plumosus</i> (Humb. et Bompl.) Nees.							
<i>Tristachya leiostachya</i> Nees.	Capim-açu			x		x	
GUTTIFERAE							
<i>Kielmeyera variabilis</i> Mart.	Pau-santinho	x				x	
IRIDACEAE							
<i>Trimezia juncifolia</i> (Klatt.) Benth. & Hook.							
LABIATAE							
<i>Hyptis cana</i> Pohl. ex Benth.	Hortelã	x			x		
<i>Hyptis lippoides</i> Pohl. ex Benth.	Hortelã-do-campo	x			x		
<i>Hyptis marrubioides</i> Epling.	Hortelã-do-campo	x			x		
<i>Hyptis nudicaulis</i> Benth.	Hortelã-do-campo	x			x		
<i>Hyptis pauliana</i> Epling.	Hortelã	x			x		
<i>Hyptis reticulata</i> Mart. ex Benth.	Hortelã	x			x		
LOGANIACEAE							
<i>Buddleja brasiliensis</i> Jacq. ex Spreng.	Barbasco	x			x	x	
<i>Spigelia olfersiana</i> Cham. et Schlecht.		x					
LORANTHACEAE							
<i>Psittacanthus robustus</i> Mart.	Erva-de-passarinho						
LYCOPODIACEAE							
<i>Lycopodium cernuum</i> L.	Licopódio				x		
<i>Lycopodium clavatum</i> L.	Licopódio				x		
<i>Lycopodium pendulinum</i> Hook.	Licopódio				x		
LYTHRACEAE							
<i>Cuphea ericoides</i> Cham. et Schlecht.	Sete-sangrias	x			x		
<i>Cuphea thymoides</i> Cham. et Schlecht.	Sete-sangrias	x			x		
<i>Diplusodon microphyllus</i> Pohl.						x	
<i>Diplusodon myrsinites</i> DC.							
<i>Diplusodon vilosissimus</i> Pohl.						x	
<i>Diplusodon virgatus</i> Pohl.						x	

QUADRO 1 – Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas (Continua)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades				
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental Ornamental Quando Seca
MALPIGHIACEAE						
<i>Banisteriopsis campestris</i> (Adr. Juss.) Little	Borboleta	x				x
<i>Byrsonima basiloba</i> Juss.	Murici-rasteiro	x	x			
<i>Byrsonima intermedia</i> Adr. Juss.	Murici		x			
<i>Byrsonima subterranea</i> Brade & Marcgraf.	Murici-rasteiro		x			
<i>Camarea affinis</i> St. Hil.	Amarelinha	x				x
<i>Camarea ericoides</i> St. Hil.	Amarelinha	x				x
<i>Heteropteris byrsonimifolia</i> A. Juss.						
<i>Heteropteris leischenantiana</i> A. Juss.						
<i>Mascagnia microphylla</i> (Juss.) Gris.	Borboleta	x				
<i>Peixotoa hirta</i> A. Juss.	Carambolinha	x				x
<i>Peixotoa reticulata</i> Griseb.		x				x
<i>Peixotoa tomentosa</i> Adr. Juss.		x				x
MALVACEAE						
<i>Peltaea polymorpha</i> (St. Hil.) Krapf. & Crist.		x				
MELASTOMATACEAE						
2 <i>Cambessedesia hilariana</i> (St. Hil. ex Bompl.) DC.						x
<i>Cambessedesia ilicifolia</i> (Schr. et Mart.) Triana		x				x
22 <i>Clidemia hirta</i> (L.) G. Don.						x
<i>Leandra lancifolia</i> Cogn.						x
23 <i>Leandra sulphurea</i> Cogn.						x
24 <i>Marcetia taxifolia</i> (St. Hil. ex Bompl.) DC.						
25 <i>Miconia ferruginata</i> DC.						
26 <i>Miconia ferruginea</i> (Schr. et Mart.) DC.	Maria-preta					x
27 <i>Miconia ligustroides</i> Naud.						
<i>Miconia stenostachya</i> Schrank. et Mart. ex DC.						
28 <i>Microlicia euphorbioides</i> (Schr. & Mart. ex DC.) Mart.						
29 <i>Microlicia fulva</i> (Spreng.) Cham.						
30 <i>Microlicia isophylla</i>						
31 <i>Tibouchina campos-portoi</i> Brade	Quaresmeira					x
32 <i>Tibouchina frigidula</i> (DC.) Cogn.	Quaresmeira					x
33 <i>Tibouchina martiusiana</i> (DC.) Cogn.	Quaresmeira					x
34 <i>Tibouchina moricandiana</i> Baill.	Quaresmeira					x
35 <i>Tibouchina multiflora</i> (Gardn.) Cogn.	Quaresmeira					x
<i>Tibouchina stenocarpa</i> (Mart. et Schr. ex DC.) Cogn.						
<i>Trembleya parviflora</i> (Don.) Cogn.		x				
<i>Trembleya phlogiformis</i> Mart. et Schr. ex DC.		x				
MIMOSACEAE						
<i>Mimosa velloziana</i> Triana.						
MYRTACEAE						
<i>Campomanesia pubescens</i> (DC.) Cogn.	Gabiroba	x	x	x		
<i>Campomanesia salvifolia</i> Berg.	Gabiroba	x	x			
<i>Psidium firmum</i> Mart.	Goiabinha	x		x		x
<i>Psidium glaucum</i> Mart.		x	x			

QUADRO 1 – Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas (Continua)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
OCHNACEAE							
<i>Ouratea spectabilis</i> (Mart.) Engl.	Dourada	x				x	
ORCHIDACEAE							
<i>Epidendrum ellipticum</i> Lindl.	Orquídea					x	
<i>Epidendrum denticulatum</i> Barb. Rodr.	Orquídea					x	
<i>Epidendrum martianum</i> Lindl.	Orquídea					x	
<i>Epidendrum settiferum</i>	Orquídea					x	
<i>Galeandra montana</i> Barb. Rudr.	Orquídea					x	
<i>Laelia endsfeldii</i> Pabst.	Orquídea					x	
<i>Pleurothallis rupestris</i> Lindl.	Orquídea					x	
<i>Stenorrhynchus lanceolatus</i> (Aubl.) L.C. Rich. ex Spr.	Orquídea					x	
OXALIDACEAE							
<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. et Zucc.	Trevo-peludo				x	x	
PASSIFLORACEAE							
<i>Passiflora villosa</i> Vell.	Maracujazinho				x	x	
POLYGALACEAE							
<i>Polygala angulata</i> DC.	Gelol				x		
<i>Polygala brasiliensis</i> L.	Gelol				x		
<i>Polygala coriacea</i> St. Hil.	Gelol				x		
<i>Polygala glaziovii</i> Chodat.	Gelol				x		
<i>Polygala longicaulis</i> H.B.K.	Gelol				x		
<i>Polygala remota</i> Brunett.	Gelol				x		
<i>Polygala timoutou</i> Aubl.	Gelol	x			x	x	
PTERIDACEAE							
<i>Doryopteris ornithopus</i> (Mett.) J. Sm.	Pé-de-pombo					x	
RUBIACEAE							
<i>Borreria capitata</i> (Ruiz et Pav.) DC.	Falsa-poaia	x					
<i>Borreria eryngioides</i> Cham. et Schlecht.	Falsa-poaia	x					
<i>Borreria laevis</i> Gris.	Falsa-poaia	x			x		
<i>Borreria linifolia</i> (Aubl.) Schum.	Falsa-poaia	x			x		
<i>Borreria nervosa</i> Pohl. ex DC.	Falsa-poaia	x			x		
<i>Borreria suaveolens</i> G.F.W. Meyer	Falsa-poaia	x			x		
<i>Borreria tenella</i> Cham. & Schlecht.							
<i>Borreria verbenoides</i> Cham. & Schlecht.							
<i>Coccocypselum hasslerianum</i> Chodat.							
<i>Declieuxia cordigera</i> Mart. & Zucc. ex Schul. & Schul.	Roxinha-do-campo	x					
<i>Declieuxia fruticosa</i> (Willd. ex Roccar & Schl.) Ktze.	Roxinha	x					
<i>Declieuxia pruinosa</i> Pohl. ex DC.	Roxinha-do-campo	x					
<i>Palicourea rigida</i> H.B.K.	Douradinha-do-campo				x	x	
<i>Psillocarpus</i> sp.							
<i>Relbunium hycarpium</i> (L.) Hemsl.		x					

QUADRO 1 – Relação das Famílias e Espécies Coletadas nas Áreas de Campo Rupestre da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras - MG, e suas Prováveis Potencialidades Econômicas (Conclusão)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Potencialidades					
		Apícola	Comestível	Forrageira	Medicinal	Ornamental	Ornamental Quando Seca
RUBIACEAE							
<i>Relbunium hirtum</i> Schum.							
<i>Remijia ferruginea</i> DC.							
SCHYZEACEAE							
<i>Anemia elegans</i> (Gardn.) Pr.	Samambainha						X
<i>Anemia flexuosa</i> (Savy) Swartz.	Samambainha						X
<i>Anemia humilis</i> Swartz.	Samambainha						X
<i>Lygodium polymorphum</i> (Cav.) H.B.K.	Abre-caminho						X
SCROPHULARIACEAE							
<i>Buchnera longiflora</i> H.B.K.							
<i>Buchnera virgata</i> H.B.K.							X
<i>Esterhazia splendida</i> Mikan.							
STERCULIACEAE							
<i>Byttneria scabra</i> Loeffl.		X					
<i>Byttneria scalpellata</i> Pohl.		X					
STYRACACEAE							
<i>Styrax camporum</i> Pohl.	Benjoim-do-campo	X			X		X
UMBELLIFERAE							
<i>Eryngium paniculatum</i> Cav. et Domb. ex Dellar							
<i>Eryngium pristis</i> Cham. et Schlechtd.	Língua-de-tucano						
VELLOZIACEAE							
<i>Barbacena flava</i> Mart. ex Schultz f.							X
<i>Vellozia caruncularis</i> Mart. ex Sub.							X
<i>Vellozia af. brachypoda</i> L.B. Smith & Ayensu							X
VERBENACEAE							
<i>Lippia candida</i> Cham.	Cheirosa	X					X
<i>Lippia lupulina</i> Cham.	Roxinha	X					X
<i>Lippia rigida</i> Schauer.	Hortelã	X			X		X
<i>Stachytarpheta glabra</i> Cham.	Gervão	X					
<i>Stachytarpheta sellowiana</i> Schauer.	Gervão	X					
VOCHYSIACEAE							
<i>Vochysia thyrsoidea</i> Pohl.	Pau-de-tucano						X
XYRIDACEAE							
<i>Xyris asperula</i> Mart.							X
<i>Xyris blepharophylla</i> Mart.							X

várias serras mineiras, onde tal formação campestre ocorre.

As famílias Amarylidaceae, Aquifoliaceae, Araceae, Boraginaceae, Ericaceae, Eriocaulaceae, Iridaceae, Orchidaceae, Velloziaceae e Xyridaceae, estão ali representadas. Na área recoberta pela formação adjacente do Cerrado, essas famílias não aparecem, evidenciando as diferentes composições florísticas (Gavilanes; Brandão, 1991).

Outras famílias encontradas dentro do Cerrado, entretanto, apresentam ali outros gêneros, a saber: Asclepiadaceae (*Ditassa*), Bromeliaceae (*Dyckia*), Celastraceae (*Maytenus*), Compositae (*Actinoseris*, *Aster*, *Lychnophora*), Cyperaceae (*Lagenocarpus*), Gramineae (*Briza*, *Elyonurus*, *Leptocoryphium*, *Mesosetum*, *Panicum*, *Schyzachyrium*, *Setaria*, *Trachypogon*), Melastomataceae (*Clidena*, *Leandra*, *Microlicia*, *Pterolepis*, *Tibouchina*), Rubiaceae (*Relbunium*, *Remijia*), Scrophulariaceae (*Buchnera*), Symplocaceae (*Symplocos*), Verbenaceae (*Stachytarpheta*).

Como a área estudada é de difícil delimitação, nos limites entre as formações Cerrado e Campo Rupestre, na faixa de transição entre elas, podem ocorrer as espécies *Maytenus obtusifolius*, *Didymopanax macrocarpum*, *Arrabidaea brachypoda*, *Austroplenckia populnea*, *Kielmeyera coriacea*, *Cremastrus pulcher*, *Rudgea viburnoides*, *Bauhinia bongardii*, *Senna rugosa*, *Byrsonima coccolobifolia*, *Rapanea guyanensis*, *Serjania erecta*, *Miconia albicans*, *Styrax camporum*, *Symplocos lanceolatus*, todas típicas de Cerrado, conforme os conceitos de Rizzini (1971), razão pela qual não aparecem listadas no Quadro 1.

Muitas das espécies mencionadas nesse Quadro têm ampla dispersão, tais como: *Pfaffia jubata* e *Trembleya parviflora*, (serras da Piedade, do Caraça, do Itabirito, do Cipó e da Ibitipoca); *Cambessedesia hilariana* (serras da Piedade, do Caraça, de Ouro Preto, do Itabirito e do Cipó); *Marcetia taxifolia*, (serras da Piedade, de Ouro Preto, do Itabirito, do Cipó e da Ibitipoca); *Lobelia camporum*, *Achyrocline satureioides* e *Esterrhazia splendida*, (serras do Caraça, de Ouro Preto, do Itabirito e do Cipó); *Camarea ericoides* e *Baccharis platypoda*, (serras da Piedade, do Itabirito, do Cipó e de Grão-Mogol); *Kielmeyera variabilis* e *Banisteriopsis campestris*, (serras da Piedade, de Ouro Preto, do Itabirito e do Cipó); *Palicourea rigida*, (serras de Ouro Preto, do Itabirito, do Cipó e de Grão-Mogol); *Microlicia isophylla*, (serras do Caraça, de Ouro Preto, do Itabirito e de Grão-Mogol).

Outras espécies ocorrentes na área em estudo não possuem dispersão tão ampla, como é o caso de *Panicum cyanescens*, que aparece na Serra da Piedade (Brandão; Gavilanes, 1990); *Catolisanthus pedunculatus* e *Miconia ferruginea*, que ocorrem na Serra do Caraça (Ferreira et al., 1977/1978); *Vernonia lacunosa*, *Dichromena consanguinea* e *Eryngium paniculatum*, que aparecem na Serra de Ouro Preto (Badini, 1978); *Lychnophora ericoides*, *Brickellia pinifolia*, *Gochnatia barrosii*, *Dichromena ciliata*, *Gleichenia flexuosa*, *Gleichenia longipes*, *Setaria geniculata*, *Hyptis nudicaulis*, *Chamaecrista cathartica*, *Mimosa velloziana*, *Cuphea thymoides*, *Byrsonima basiloba*, *Leandra sulphurea*, *Tibouchina moricandiana*, *Lygodium polymorphum*, *Eryngium pristis* e *Lippia candida*, que ocorrem na Serra do Itabirito (Brandão et

al., 1991). Segundo Giulietti et al. (1987), até o presente momento foram citadas como ocorrentes apenas na Serra do Cipó: *Ditassa acerosa*, *Actinoseris radiata*, *Eremanthus glomerulatus*, *Eremanthus incanus*, *Eupatorium horminoides*, *Eupatorium stachyophyllum*, *Inulopsis scaposa*, *Mikania glauca*, *Mikania sessilifolia*, *Trixis glutinosa*, *Vernonia linearis*, *Gaylussacia montana*, *Leucothoe pulchella*, *Paepalanthus polyanthus*, *Aristida recurvata*, *Aristida setifolia*, *Aristida tinctoria*, *Axonopus brasiliensis*, *Axonopus canescens*, *Elyonurus muticus*, *Eragrostis solida*, *Leptocoryphium lanatum*, *Mesosetum loliiforme*, *Paspalum polyphyllum*, *Paspalum splendens*, *Schyzachyrium tenerum*, *Trachypogon plumosus*, *Clitoria guyanensis*, *Psittacanthus robustus*, *Miconia stenostachya*, *Trembleya phlogiformis*, *Campomanesia pubescens*, *Psidium firmum*, *Epidendrum martinianum*, *Galeandra montana*, *Stenorhynchus lanceolatus*, *Oxalis hirsutissima*, *Doryopteris ornithopus*, *Byttneria scabra*, *Barbacenia flava*, *Vellozia caruncularis*, *Vochysia thyrsoides* e *Xyris asperula*.

Outras espécies, mesmo frequentes na área, não foram relacionadas pelos autores pesquisados para outras serras de Minas Gerais. São elas: *Gomphrena incana*, *Dickia tuberosa*, *Siphocampylus verticillatus*, *Aspilia subpetiolata*, *Aspilia warmingii*, *Baccharis discolor*, *Bidens brasiliensis*, *Dasyphyllum candolleianum*, *Eupatorium mollissimum*, *Eupatorium velutinum*, *Gochnatia paniculata*, *Pterocaulon lanatum*, *Pterocaulon rugosum*, *Vernonia apiculata*, *Vernonia bellidioides*, *Vernonia eremophylla*, *Vernonia ruficoma*, *Evolvulus aurigenus*, *Evolvulus linarioides*, *Bulbostylis sphaerocephala*, *Leucothoe salicifolia*, *Paepalanthus blepharocnemis*, *Paepalanthus trichophyllus*, *Euphorbia chrysophylla*, *Reichsteineria allagophylla*, *Andropogon hirtiflorus*, *Andropogon ternatus*, *Schyzachyrium sanguineum*, *Sporobolus cubensis*, *Tristachya leiostachya*, *Hyptis marruboides*, *Hyptis pauliana*, *Cassia falcata*, *Diplusodon vilosissimus*, *Byrsonima subterranea*, *Peixotoa hirta*, *Leandra lancifolia*, *Miconia ferruginata*, *Miconia ligustroides*, *Pterolepis pauciflora*, *Tibouchina campos-portoi*, *Tibouchina stenostachya*, *Campomanesia salvifolia*, *Epidendrum denticulatum*, *Passiflora villosa*, *Polygala brasiliensis*, *Polygala glaziovii*, *Polygala remota*, *Borreria eryngioides*, *Borreria laevis*, *Borreria linifolia*, *Borreria nervosa*, *Coccocypselum basslerianum*, *Declieuxia pruinosa*, *Buchnera longifolia*, *Buchnera virgata*, *Byttneria scalpellata*, *Styrax camporum*, *Vellozia* af. *brachypoda*, *Stachytarpheta sellowiana*.

Algumas plantas invasoras foram para ali carregadas pelo homem e/ou animais, mesclando-se com a cobertura vegetal, a saber: *Merremia tomentosa*, *Pyrostegia venusta*, *Merremia macrocalyx*, *Ipomoea cairica*, *Senna occidentalis*, *Chamaecrista rotundifolia*, *Mimosa pudica*, *Polygala paniculata*, *Eleusine indica*, *Sporobolus indicus*, *Gomphrena celosioides*, *Cyperus rotundus*, *Cyperus brevifolius*, *Cyperus cayenensis*, *Cyperus compressus*, *Borreria verticillata*, *Lantana camara*, *Lantana lilacina*, *Stachytarpheta cayenensis*. Essas espécies são classificadas como plantas invasoras ou daninhas, segundo os conceitos de Lorenzi (1982) e Brandão et al. (1982).

As prováveis potencialidades econômicas das espécies coletadas e identificadas foram anotadas e consignadas no

Quadro I e estão distribuídas em: 110 espécies potencialmente apícolas, 8 comestíveis (portadoras de frutos edulos), 22 forrageiras, 60 medicinais, 81 ornamentais e 23 ornamentais quando secas. Pretende-se complementar a linha de pesquisa iniciada com a da vegetação do Cerrado feita por Gavilanes; Brandão, (1991).

Os primeiros trabalhos realizados em Minas Gerais que enfocam a importância econômica de plantas empregadas em arranjos ornamentais da formação em estudo são os de Ferreira; Saturnino (1978) e Saturnino et al. (1978). O mesmo tema foi desenvolvido dez anos mais tarde por Giuliatti et al. (1988), que fizeram considerações sobre as espécies da família Eriocaulaceas dessa formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADINI, J. Roteiro para excursão botânica à Serra de Lavras Novas – Município de Ouro Preto. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 28, 1977, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: EPAMIG, 1978. p.143-146.
- BARRETO, H. L. M. Regiões fitogeográficas de Minas Gerais. **Anuário Brasileiro Econômico Florestal**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.352-359, 1949.
- BRANDÃO, M.; GAVILANES, M. L. Contribuição para o conhecimento da vegetação da Serra da Piedade, MG. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 35, 1984, Manaus. **Anais...** Brasília: IBAMA, 1990. p.34-51.
- BRANDÃO, M.; LACA-BUENDIA, J. P.; GAVILANES, M. L. Principais plantas daninhas no Estado de Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.8, n.87, p.18-26, mar. 1982.
- BRANDÃO, M. et al. Contribuição para o conhecimento da Cadeia do Espinhaço em Minas Gerais (Serra de Itabirito) – III. **Daphne**, Belo Horizonte, v.1, n.3, p.41-50, abr. 1991.
- FERREIRA, M. B.; D'ASSUMPÇÃO, W. R. C.; MAGALHÃES, G. M. Nova contribuição para o conhecimento da vegetação da Cadeia do Espinhaço ou Serra Geral (Maciço do Caraça). **Oreádes**, Belo Horizonte, v.6, n.10/11, p.49-67, jan./dez. 1977/1978.
- FERREIRA, M. B.; MAGALHÃES, G. M. Contribuição para o conhecimento da vegetação da Serra do Espinhaço em Minas Gerais (Serras de Grão Mogol e da Ibitipoca). In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 26, 1975, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1977. p.189-202.
- FERREIRA, M. B.; SATURNINO, H. M. Algumas considerações sobre os arranjos ornamentais confeccionados com plantas secas em Minas Gerais. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 23, 1977, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: EPAMIG, 1978. p.201-211.
- GAVILANES, M. L.; BRANDÃO, M. Flórua da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG: formação cerrado. **Daphne**, Belo Horizonte, v.4, n.1, p.24-31, jul. 1991.
- GAVILANES, M. L.; BRANDÃO, M. Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras-MG: informações preliminares sobre a vegetação. **Boletim FBCN**, Rio de Janeiro, v.22, p.66-70, 1987.
- GAVILANES, M. L.; BRANDÃO, M.; PEREIRA, S. C. Subsídios para o conhecimento da vegetação da "Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito", Lavras-MG. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36, 1985, Curitiba. **Anais...** Brasília: IBAMA, 1990. p.539-557.
- GIULIETTI, A. M. et al. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: caracterização e lista de espécies. **Boletim de Botânica**, São Paulo, v.9, p.1-151, 1987.
- GIULIETTI, N. et al. Estudos em sempre vivas: importância econômica do extrativismo em Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v.1, n.2, p.179-193, 1988.
- LORENZI, L. **Plantas daninhas do Brasil**: terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais. Nova Odessa, 1982. 524p.
- MAGALHÃES, G. M. Contribuição para o conhecimento da flora dos campos alpinos de Minas Gerais. **Boletim de Agricultura**, Belo Horizonte, v.4, n.3/4, p.75-101, mar./abr. 1955.
- RIZZINI, C. T. A flora do cerrado: análise florística das savanas centrais. In: FERRI, M. G. (Coord.). **Simpósio sobre o cerrado**. São Paulo: Edgard Blücher/USP, 1971. p.105-153.
- SATURNINO, H. M.; SATURNINO, M. A. C.; FERREIRA, M. B. Algumas considerações sobre exportação e importação de plantas ornamentais em Minas Gerais. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 28, 1977, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: EPAMIG, 1978. p.213-217.
- SILVEIRA, A. A. **Flora e serras minerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1908. 206p.

SUMÁRIO: Menciona-se a ocorrência de sementes viáveis para espécies do gênero *Bougainvillea* Commers spp. para o estado de Minas Gerais, Brasil.

Palavras-chave: *Bougainvillea* Commers; sementes.

SUMMARY: The ornamental plants *Bougainvillea spectabilis* and *B. glabra* are frequent ones in Minas Gerais State, Brasil. A revision of the literature on their production of viable seeds is presented; data are given about the author's experience on obtaining *Bougainvillea* seeds. Some observations on the behaviour of the plants for producing seeds are presented; the occurrence of seeds is not common; the seeds are connected to the floral bracts which are carried out by the winds; some pests and parasites may destroy the few seeds produced; the *Bougainvillea* flowers are visited by honey bees and lepidoptera which help their pollinization; in the regions with dry climate and during the dry season of the year there are more favourable conditions for the production of viable seeds.

Key-words: *Bougainvillea* Commers; seeds; Minas Gerais

INTRODUÇÃO

A buganvília é uma planta altamente ornamental e, por essa razão, muito disseminada em todo o mundo. É originária do Brasil e de outros países da América do Sul. Existe mais de uma centena de variedades dessa planta, que é propagada comumente por processos assexuais.

A propagação da buganvília por sementes raramente tem sido usada, acreditando-se mesmo que essa planta não as produz. Entretanto, Schmidt (1967/1982), Mameli-Calvino (19--) e Dimitri (1959) descreveram botanicamente sementes de *Bougainvillea* Commers spp.

Sendo uma planta de grande valor ornamental, é importante obterem-se novos híbridos que permitam a seleção de novas formas e cores, razão pela qual procurou-se observar sob quais condições ela, produz sementes e o que já foi descrito a respeito.

Como a nomenclatura do gênero *Bougainvillea* e a descrição das espécies, variedades e cultivares são polêmicas, foram mantidos na íntegra todos os nomes citados pelos diversos autores.

HISTÓRICO

Mendes; Viégas (1941) referem-se a plantas de buganvília roxo-escuras propagadas por sementes, em Valinhos, SP.

Cowen (1952) refere-se à produção de híbridos de buganvília na Índia.

Nascimento Filho (1953) determinou o número de cromossomos de *B. spectabilis* em plântulas procedentes de sementes obtidas de um povoamento natural e homogêneo, nativo no Distrito de Seropédica, Itaguaí (RJ). Observou também que a média de ocorrência de sementes é de uma em cada inflorescência triflora e que a planta estudada era autotetraplóide.

Em Campinas (SP), Germek (1954) observa que "examinando as flores secas de *Bougainvillea spectabilis* Willd., percebem-se algumas sementes que se assemelham, em forma e tamanho, a um grão de trigo". Ele aconselha o aproveitamento de sementes resultantes de polinização natural e o uso de hibridação artificial como meio mais seguro para a obtenção de novas variedades. O autor descreve, ainda, técnicas de emasculação, hibridação e plantio das sementes. Informa também que as sementes levam cerca de um mês para germinar e que a percentagem de germinação é elevada. Segundo Muthuswamy; Lakshmanan (1957), a produção de mudas de *Bougainvillea* por sementes é raramente usada, porque poucos acreditam que essa planta produza sementes. Referem-se ao Firminger's Manual of Gardening in India (1933), que menciona a ocorrência de sementes em *B. spectabilis*, *B. lateritia* e *B. glabra* e também a Mac Millan (1952), que admite que muitos híbridos de *B. spectabilis* com flores de diferentes tonalidades tenham sido produzidos presumivelmente por polinização artificial. Ainda segundo os autores, a coleção de buganvílias do College Orchard, Coimbatore, Índia, inclui plantas provenientes de sementes coletadas em Madras. Eles observaram

^{1/} Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Nacional de Botânica – São Luiz – MA, 1976.

* Aceito para publicação em 31 de março de 1991.

também que as buganvílias produzem sementes apenas depois de atingirem uma determinada idade, enquanto a buganvília branca produz algumas nos dois primeiros anos. Contudo, ambas começam a florescer com seis meses de idade. Em Coimbatore, Índia, apenas a *B. spectabilis* e a buganvília branca produzem sementes, sendo que esta considerada a mais produtiva. Citam ainda Gopalaswamiengar, que valoriza a propagação por sementes para a produção de novas variedades.

Mameli-Calvino (19--) considera que a reprodução de buganvília por sementes, na Itália, é pouco usada, porque somente a *B. refulgens* produz algumas raras sementes. Perez Arbeláez (1956) informa que existem na Colômbia variedades obtidas do cruzamento de *B. glabra* var. *Sanderiana* e var. *Mad Chettleburgh*, tais como a *B. aurantiacea* e a var. *Salvatore Allegra*. Jex-Blake (1957) informa que, no Quênia (África), algumas variedades de buganvília produzem sementes, o que considera interessante para a obtenção de híbridos. Dentre elas estão *B. spectabilis* var. *lateritica*, 'Lady Hudson', *B. formosa*, 'Sylvia Delap', *B. alba*.

Nas Filipinas, Pancho et al. (1960) fizeram 50 tentativas de cruzamento de buganvílias e conseguiram produzir 20 híbridos F1. Obtiveram, também, alta taxa de fertilidade entre os híbridos derivados de progenitores com números diferentes de cromossomos, os quais, em alguns casos, produziram sementes viáveis. Os autores citam, ainda, que o híbrido do cruzamento da planta tetraplóide 'Magenta' e a diplóide 'Snow White' produziram progênies, quando retrocruzadas com ambos os progenitores. Pancho; Capinpin (1961), observando que a var. *B. glabra* 'Pequiñito' era haplóide, tentaram usar seu pólen na fertilização de 50 cultivares diferentes de buganvília sem obterem, contudo resultado. Entretanto, quando usaram a var. 'Pequiñito' como planta feminina, em 75 polinizações, conseguiram que dez frutificassem e seis dessas sementes germinassem, produzindo plantas diplóides ou, pelo menos, com as mesmas características de uma planta diplóide normal.

Stevenson; Popham (1973) usaram em pesquisas sementes de buganvília obtidas em Dimondale, Michigan, Estados Unidos.

Sobre *B. speciosa* var. *hirsutissima*, Heringer; Ferreira (1973) descreveram os seguintes dados fenológicos: folhagem permanente o ano todo; sementes que começam a germinar entre 5-8 dias após o plantio e atingem 95 a 100% de germinação. Da sementeira feita em 1969, os autores transplantaram várias mudas, as quais deram as primeiras flores em agosto de 1971 e, já em agosto de 1972, cobriram-se inteiramente de flores. Constataram também que, em 764 tríades colhidas de plantas nativas, a frequência de frutos por tríade era a seguinte: 1 fruto = 553; 2 frutos = 182 e 3 frutos = 29.

Referindo-se às buganvílias nativas do Nordeste brasileiro, especialmente do Ceará, Braga (19--) diz: "Resistentes à seca, pompeiam nos sertões, embelezando-o no auge do estio, quando as demais plantas se despem de folhas e flores".

OBSERVAÇÕES DE CAMPO

Constatação de Sementes

Em 1974, no município de Rio Doce (MG), foram colhidas 120 sementes de diversas plantas nativas de *B. speciosa* var.

hirsutissima, que não germinaram. Observou-se também que essas plantas variam em pilosidade dos ramos, folhas, brácteas e tonalidade de cor das brácteas, o que aparentemente não constitui uma dispersão uniforme. O período de florescimento desta espécie ocorre entre julho e setembro, meses de estio.

Sob plantas cultivadas de *B. spectabilis* Willd. var. *typica* e *B. spectabilis* var. *taterica* plantadas por mudas e com dez anos de idade, observaram-se, em 1968, numa fazenda no município de Cordisburgo (MG), sementes germinadas. Devido à proximidade de plantio das duas variedades, não foi possível identificar os progenitores. Foram conservadas 15 mudas, das quais 8 foram transplantadas e 7 foram deixadas crescer sob as referidas variedades. Todas as mudas transplantadas floresceram e nenhuma repetiu os fenótipos dos prováveis progenitores. As mudas deixadas no local da sementeira não floresceram, provavelmente devido ao sombreamento das plantas mais antigas, de acordo com as informações de Bailey (1950), Kuck; Tongg (1955) e Contanceau (1957) sobre a necessidade de exposição ao sol para florescimento.

No mesmo ano e em anos seguintes, procuraram-se sementes em toda a coleção. Apenas *B. spectabilis* Willd. var. *typica* e *B. spectabilis* Willd. var. *typica*. *B. glabra* Choisy var. *alba* produziu sementes, que eram, entretanto, perfuradas por insetos ainda na fase leitosa e não puderam ser aproveitadas. *B. glabra* var. *arborea* (brácteas lilás médio, persistentes) não produziu sementes e notou-se que, dentro do tubo do perianto e sobre o androceu e gineceu, havia formações de fungos. Nas demais variedades não foram encontradas sementes.

A ocorrência de sementes foi observada nos meses de julho a setembro. As sementes germinadas sob as plantas adultas foram observadas após o início das chuvas, nos meses de dezembro e janeiro. Ao germinarem em condições naturais, estavam acompanhadas de bráctea e do tubo do perianto. A bráctea ficou voltada para cima, o que permitiu a condensação de umidade entre o solo e a bráctea, formando uma minúscula câmara úmida. Sementes postas a germinar artificialmente, o fizeram tanto acompanhadas da bráctea e do tubo do perianto, como dentro do tubo do perianto ou sozinhas. As sementes em plantio direto no solo, logo após a colheita, começaram a germinar depois de 21 dias de plantio e permaneceram na superfície do solo, conforme Germek (1954). Houve problemas de apodrecimento de sementes, assim como ocorrência de tombamento das plântulas.

O clima em Cordisburgo (MG), na época da floração e frutificação das buganvílias, é seco, com umidade relativa em torno de 50%. As últimas chuvas ocorrem em fins de abril ou início de maio e as primeiras, em fins de setembro ou meados de outubro.

No Quadro 1 é mostrada uma relação de variedades de uma coleção de buganvílias mantida em uma fazenda, em Cordisburgo (MG), em que foram encontradas sementes (Quadro 1).

Em Sete Lagoas (MG), na coleção dos jardins da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo (EMBRAPA-CNPMS), não foram encontradas sementes no ano de 1974. Já em setembro de

QUADRO 1 – Relação das variedades de Buganvílias encontradas na coleção mantida em uma Fazenda em Cordisburgo (MG), Agosto/1975

Variedades	Origem	Idade da Planta (Anos)
<i>B. spectabilis</i> Willd. var. <i>typica</i>	Clone	17
<i>B. spectabilis</i> Willd. var. <i>lateritica</i>	Clone	17
<i>B. spectabilis</i> Willd. ⁽¹⁾ var. 1	Semente	7
<i>B. spectabilis</i> Willd. ⁽¹⁾ var. 2	Semente	7
<i>B. spectabilis</i> Willd. ⁽¹⁾ var. 3	Semente	7
<i>B. spectabilis</i> Willd. ⁽¹⁾ var. 4	Semente	7
<i>B. glabra</i> Chórsy. var. <i>alba</i>	Clone	16
<i>B. glabra</i> lilás-pálida	Clone	9
<i>B. glabra</i> var. <i>arborea</i>	Clone	9
<i>B. glabra</i> var. <i>sanderiana</i>	Clone	1,5

(1) Variedades obtidas pelo transplante das mudas nascidas de sementes.

1975 foram encontradas sementes nas seguintes variedades: *B. spectabilis* Willd. var. *typica*; *B. glabra* Choisy var. *alba* e *B. glabra* Choisy (lilás-pálida).

As sementes das duas primeiras variedades estavam completamente maduras, enquanto as da última encontravam-se em estado leitoso.

O clima em Sete Lagoas em setembro é seco, com umidade relativa média de 63%, temperaturas noturnas médias de 14,6°C e diurnas médias de 23,0°C²

É interessante ressaltar que *B. spectabilis* Willd. var. *typica* e *B. spectabilis* Willd. var. *lateritica*, cultivadas na fazenda em Cordisburgo, são clones das variedades existentes na EMBRAPA-CNPMS, em Sete Lagoas.

Em nenhum dos locais observados foram encontradas sementes em *Bougainvillea spectabilis* Willd. X *buttiana* var. *Crimson Lake* e suas variedades afins *Praetoria* e *Afterglow*. Nestas não existe sequer o início do desenvolvimento embrionário, possivelmente por se tratarem de híbridos interespecíficos, como cita Graft (19--). Existe a probabilidade de cruzar estas variedades com outras, para obter híbridos, da mesma maneira que Pancho; Capinpin (1961) conseguiram com a *glabra* var. *Pequiniño*, ou retrocruzá-las com as variedades das espécies progenitoras, como já foi conseguido com outro híbrido por Pancho et al (1960).

Ocorrência de insetos nas inflorescências de *Bougainvillea* spp.

Observou-se que as flores de *Bougainvillea* spp. são visitadas não só por abelhas *Appis melifera* e *Trygona jaty*, borboletas e

outros insetos não identificados, como também por pequenos coleópteros que perfuram as flores e cujas larvas broqueiam as sementes ainda na fase leitosa.

COMENTÁRIOS

Na bibliografia consultada foram encontradas referências sobre a produção de sementes em *Bougainvillea* spp. cultivadas na Índia, Itália, Kenya, Filipinas e Estados Unidos, países onde essas plantas são exóticas. Há referências de produção de híbridos na Índia e Filipinas, assim como no Brasil e Colômbia. No Brasil, foram encontradas referências sobre sementes tanto em plantas nativas, como em cultivadas.

As observações de campo e as referências bibliográficas comprovam a produção de sementes em buganvílias, tanto nativas como cultivadas. Entretanto, alguns fatores devem ser analisados para se estabelecerem os motivos que tornam esse acontecimento raro:

– tradição que essas plantas têm de não produzirem sementes, como observa Mameli-Calvino (19--);

– propagação vegetativa usada correntemente como forma usual de multiplicação, devido ao fato de a buganvília, praticamente, não produzir sementes (Jain, 1959);

– dificuldade de observação, devido ao tamanho das plantas e à grande quantidade de flores, em contraposição ao pequeno número de sementes produzidas, como foi constatado por Nascimento Filho (1953), Germek (1954) e Heringer; Ferreira (1973);

– sementes presas às brácteas, que são carregadas pelo vento, principalmente no grupo *B. spectabilis* e algumas no *B. glabra*, cujas brácteas são sésseis, dificultando suas coletas;

– presença de insetos predadores e fungos patogênicos que impedem o desenvolvimento normal das sementes, como foi observado;

– plantas com "folhas atrativas", cuja finalidade é atrair insetos ou outros polinizadores. As observações mostraram que as flores de *Bougainvillea* spp. são visitadas por abelhas *Appis melifera* e *Trygona jaty* e por lepidópteros, possivelmente insetos polinizadores dessa planta (Jamieson; Reynolds (1967));

– fatores climáticos que possam favorecer a formação e o desenvolvimento de sementes. Nos três locais observados, as sementes foram constadas durante a estação seca (julho a setembro), embora as buganvílias do grupo "glabra" e "buttiana" produzam flores o ano inteiro, e as do "spectabilis", algumas vezes, produzam mais de uma vez por ano. Na Índia, Muthuswamy; Lakshamanan (1957) observaram que só há formação de sementes entre os meses de fevereiro e abril.

A grande quantidade de variedades existentes, como assinalam Kesley; Dayton (1942), Cowen (1952), Jex-Blake (1957) e Misra (1971), que citam 64 variedades de *Bougainvillea* spp. cultivadas na Índia, leva a crer que pesquisadores e viveiristas têm tirado partido da produção de sementes para pesquisas e obtenção de novos híbridos.

² Dados fornecidos pelo Posto Meteorológico da EMBRAPA-CNPMS, situado a uma distância média de 100m das referidas plantas.

CONCLUSÕES

Pela bibliografia consultada e observações feitas conclui-se que:

- *Bougainvillea* spp. têm comprovado valor ornamental e têm sido objeto de pesquisas em diversos países;
- *Bougainvillea* spp. algumas vezes produzem sementes;
- nos locais observados, as sementes de *Bougainvillea* spp. nativas e cultivadas são produzidas de julho a setembro, coincidindo com a época da seca;
- muitos insetos podem-se constituir em importantes veículos de polinização;
- pragas e moléstias devem ser controladas para obtenção de sementes;
- é interessante o aproveitamento das sementes produzidas naturalmente, bem como é possível o uso de polinizações controladas para a obtenção de novos híbridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAILEY, L.H. **The standard cyclopedia of horticulture**. 2 ed. New York: MacMillan, 1950. v.1, p. 533-534: *Bougainvillea*.
- BRAGA, R. **Plantas do Nordeste**; especialmente do Ceará. 4.ed. Natal: Ed. Universitária UFRN, [19--]. 540p. (Coleção Mossorense, 315).
- CONTANCEAU, M. **Encyclopedie des jardins**. Paris: Larousse, 1957. p. 453: *Bougainvillea*.
- COWEN, D.W. **Flowering trees and shrubs in India**. 2.ed. Bombay: Thacker, 1952.
- DIMITRI, M.J. Nyctaginaceae. In: PARODI, L.R. **Enciclopedia argentina de agricultura & jardineria**. Buenos Aires: ACME S.A.C.I., 1959. p. 333-335.
- GERMEK, E. Híbridação de primavera (*Bougainvillea spectabilis* Willd.). **Bragantia**, Campinas, v.13, nota n.2, p. 5-7, fev. 1954.
- GRAFT, A.B. **Pictorial cyclopedia of exotic plants**: exotica III. New York: Roehrs, [19--]. p. 1558.
- HERINGER, E.P.; FERREIRA, M.B. *Bougainvillea speciosa* var. *hirsutissima* uma espécie nativa do leste de Minas Gerais e Espírito Santo. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 24, 1973, Pelotas. **Resumos...** Pelotas: Sociedade Botânica do Brasil, 1973. p. 54.
- JAIN, R.K. Some teratological variations in the inflorescences of *Bougainvillea glabra* Choisy. **Current Science**, Bangalore, v.28, p.21-22, 1959.
- JAMIESON, B.G.M.; REYNOLDS, J.F. **Tropical plant types**. Oxford: Pergamon Press, 1967. p. 183-184, 187, 204-205, 239.
- JEX-BLAKE, M. **Gardening in East Africa**: a practical handbook. 4.ed. London: Longmans, Green, 1957. cap. 11, p. 132: Climbing plants.
- KESLEY, H.P.; DAYTON, W.A. **Standardized plant names**. 2.ed. Harrisburg, PA: J. Horace McFarland, 1942.
- KUCK, L.E.; TONGG, R.C. **The modern tropical gardens its design plant materials and horticulture**. Honolulu: [s.n.], 1955. cap. 20: Vines and ground leaves.
- MAMELI-CALVINO, E. **Enciclopedia agraria italiana**. Roma: Federazione Italiana dei Consorzi Agrari, [19--]. p. 937-938.
- MENDES, J.E.T.; VIÉGAS, A.P. Primavera branca: *Bougainvillea glabra* Choisy var. *alba* n. var. **Bragantia**, Campinas, v.1, n.3, p. 249-253, mar. 1941.
- MISRA, A.K. Rooting behavior in cuttings of *Bougainvillea* with the aid of Seradix B-3. **Indian Journal of Horticulture**, Sabour, v.28, n.1, p. 68-69, 1971.
- MUTHUSWAMY, S.; LAKSHAMANAN, V.A. A note on seed setting in *Bougainvillea*. **South Indian Horticulture**, Coimbatore, v.5, p. 35-37, 1957.
- NASCIMENTO FILHO, A.C. Citogenética de *Bougainvillea spectabilis* Willd. com referência à produção de sementes. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 4, 1953, Recife. **Anais...** Recife: Imprensa Industrial, 1953. p. 270-275.
- PANCHO, J.V.; CAPINPIN, J.M. Haploidy in *Bougainvillea*. **Philippine Agriculturist**, Los Baños, v.45, p.88-94, 1961.
- PANCHO, J.V. et al. Chromosome number and fertility in *Bougainvillea*. **Philippine Agriculturist**, Los Baños, v.44, p. 11-18, 1960.
- PEREZ-ARBELAÉZ, E. **Plantas utiles de Colombia**. 3.ed. Bogota: Camacho Roldan, 1956. p. 532-666: Bulganvil.
- SCHMIDT, J.A. Phytolaccaceae et Nyctaginaceae. In: MARTIUS, C.F.P. von; EICHER, A.G.; URBAN, I. [Ed.]. **Flora Brasiliensis**. Leipzig, 1867/1872. v.14, part. 2, p. 325-376.
- STEVENSON, D.W.; POPHAM, R.A. Ontogeny of the primary thickening meristem in seedlings of *Bougainvillea spectabilis*. **American Journal of Botany**, Lancaster, v.60, n.1, p. 1-9, 1973.

SUMÁRIO: Apresenta-se uma nova ocorrência para o gênero *Aeschynomene* L. (Fabaceae) para o estado de Minas Gerais – Brasil: *Aeschynomene brasiliana* (Poir) DC. var. *brasiliana*.
Palavras-chave: *Aeschynomene*; Fabaceae, Sp.n.

SUMMARY: *Aeschynomene brasiliana* (Poir) DC. var. *brasiliana* (Fabaceae) is reported in this paper as new occurrence of the genus *Aeschynomene* L. for Minas Gerais – Brazil.
Key-words: *Aeschynomene*; Fabaceae, Sp. n.

INTRODUÇÃO

Quando da revisão do gênero, em termos de espécies americanas, *Aeschynomene brasiliana* (Poir) DC. foi relacionada por Rudd (1955) para América Central e América do Sul. A espécie apresentaria, além da variedade típica, a variedade *Venezuelana* Rudd, coletada na Venezuela.

Aeschynomene brasiliana (Poir) DC. var. *brasiliana* distribuiu-se do México até o Brasil. Para o Brasil a autora menciona sua ocorrência para o Amapá, Pará, Ceará, Bahia, Goiás e Rio de Janeiro.

A espécie em estudo, que pertence à seção *Aeschynomene*, série *Viscidulae*, foi encontrada, até o momento, nas seguintes regiões do estado de Minas Gerais: Centro, Norte, Noroeste e Triângulo Mineiro.

Trata-se de uma espécie forrageira que apresenta boa palatabilidade. O fato de ocorrer em vários pontos do Estado, em formações vegetais distintas, como Cerrado, Campo Rupestre e áreas Antrópicas, a torna apta a ser cultivada de forma racional, visando obter subsídios à pecuária. Com esta nova ocorrência, o número de espécies mencionadas para o Estado ascende a 16.

MATERIAL E MÉTODOS

A identificação do material foi feita com o emprego do método de morfologia comparada, além do exame do tipo da espécie e bibliografia pertinente (Rudd, 1955).

RESULTADOS

Aeschynomene brasiliana (Poir) DC.

Erva prostrada ou decumbente; ramos às vezes alcançando 1m, recobertos com pêlos hispido-glandulares ou então pubescentes; estípulas ovais, acuminadas, com 3-4mm de comprimento e 1mm de largura na base, ciliadas, recobertas de pêlos hispido-glandulares, assim como o pecíolo e a ráquis;

folhas com 2-3cm de comprimento, com 8-22 folíolos obovado-elípticos ou oblongos, com 5-15mm de comprimento por 3-8mm de largura, obtusos, mucronados, ciliado-denticulados, de superfície reticulada recoberta por pêlos esparsos; inflorescências com 1-8 flores, pedicelos e pedúnculos pubescentes como o caule; brácteas ovadas, com 1-2mm de comprimento e 1-1,5mm de largura, de ápices agudos; bractéolas ovadas, agudas, com 2-2,5mm de comprimento e 1mm de largura; flores com 5-8mm de comprimento; cálice com 1,5-3mm de comprimento, ciliado e recoberto por pêlos hispídulos; pétalas amarelas; estandarte com cerca de 6mm de comprimento, de lâmina suborbicular; asas e carena tão longas quanto o estandarte, asas com lâmina de 2mm de largura sendo a pétala carenal ligeiramente mais estreita; estames com cerca de 6mm de comprimento; fruto com 2 a 5 artículos, estípite com 3-5mm de comprimento, indo de hispídulo a subglabro; artículos com 2,5-3mm de comprimento por 2-3mm de largura recobertos por pêlos hispídulos ou então pubescentes, ocasionalmente subglabros; sementes com cerca de 2mm de comprimento e 1-1,5mm de largura, castanho-escuras.

Aeschynomene brasiliana (Poir) DC. var. *brasiliana*

Aeschynomene brasiliana (Poir) DC. Prodr. 2:322. 1825

Cassia biflora Mill. Gardn. Dict. ed. 8. nº 14. 1768, nom. L. 1753

Hedysarum brasilianum Poir in Lam. Ency 1. 6:488. 1804

Cassia houstoniana Collad Hist. Nat. Med. Cass. 132. 1816

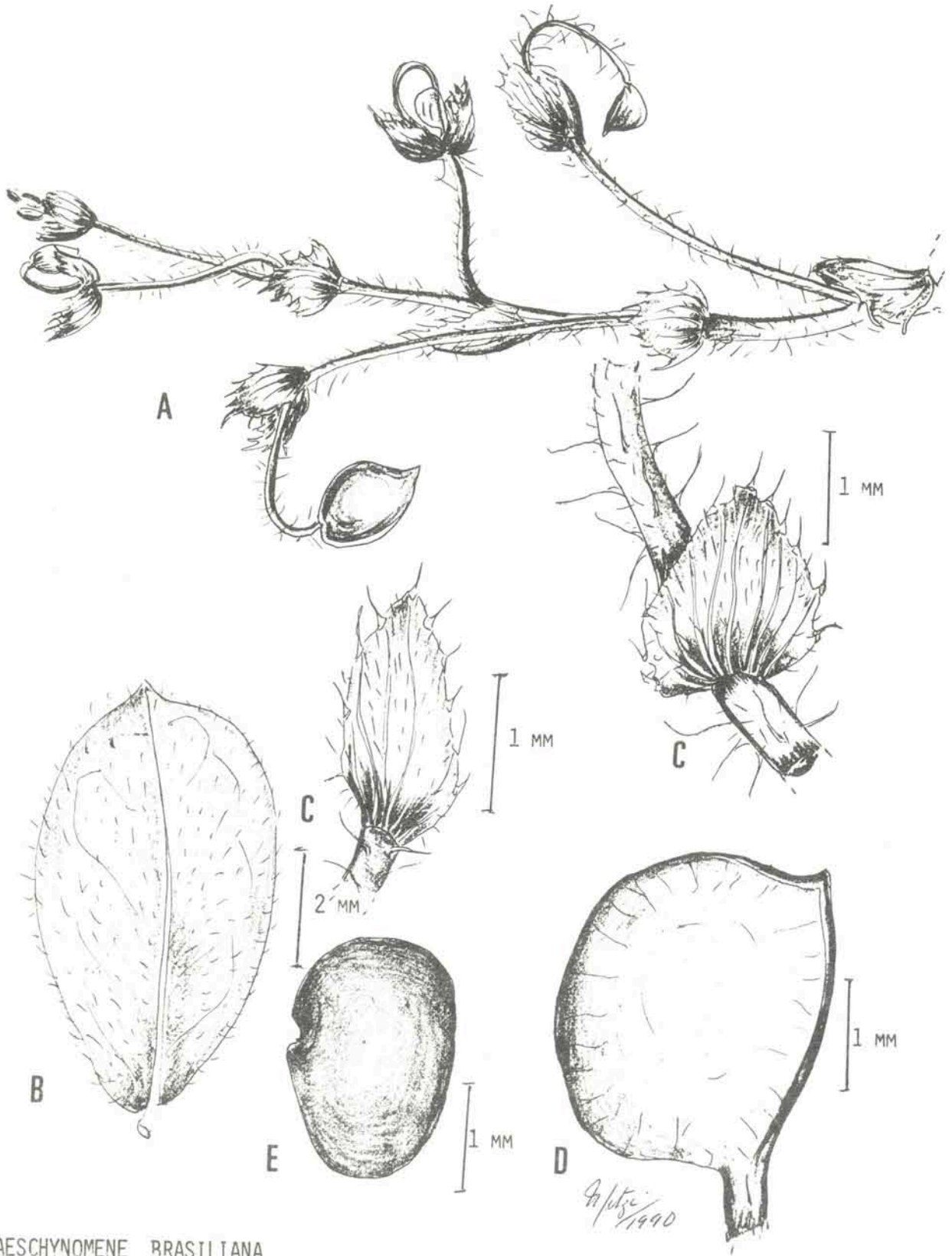
Aeschynomene paucijuga DC. Prodr. 2:321. 1825

Aeschynomene paucijuga var. *subscabra* DC. Prodr. 2:321. 1825.

Hedysarum hirtum Vell Fl. Flum. 319. 1825. con. J:tab.151. 1835

Aeschynomene biflora (Mill.) Fawe & Rendle, Fl. Jam. 4:27. 1920

^{1/} Aceito para publicação em 30 de março de 1991.



AESCHYNOMENE BRASILIANA

Aeschynomene brasiliiana
A - inflorescência; B - folha; C - brácteas; D - fruto; E - semente.

Aeschynomene guaricana Pittier, Bol. Tec. Min. Agric. & Cria Ser. Bot. Caracas 5:41. 1944

A variedade típica caracteriza-se por ter de 2 a 3 artículos, raramente 4, estípites de 3-4mm de comprimento, folhas com 8 a 13 folíolos, folíolos predominantemente obovados.

LOCALIDADE DO TIPO

Rio de Janeiro, Brasil. Coletado por Commerson.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Do México até o Brasil. No Brasil, segundo Rudd (1955), ocorreria no Amapá, Pará, Ceará, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, sendo, portanto, uma nova ocorrência para o estado de Minas Gerais.

MATERIAL EXAMINADO

Brasil, Burchell 8907 e 7994 (W). MG. Sete Lagoas, H.M. Saturnino 291, 7742 (PAMG), N.B. Ferreira 4062, (PAMG), Felixlândia, J.F. Macedo 11 (PAMG), L.H.S. Cunha, 1153 (PAMG); L.C. Branco, 148. Unaí, M. Brandão, 12192, 12187 (PAMG). Cordisburgo, H.M. Saturnino 163 (PAMG). Curvelo, N.M.S. Costa s.n. (PAMG), M.B. Ferreira 301, (PAMG), M. Brandão 17133 (PAMG). Patrocínio M.B. Ferreira 10132

(PAMG), Itapagipe, M. Brandão 11008 (PAMG). Pompéu, M.B. Ferreira 4166 (PAMG). Araxá, M. Brandão 15641, (PAMG), Prudente de Morais, M.T.F.C. Curado (PAMG). Arinos, M.B. Ferreira 5937 (PAMG), M. Brandão 12209 (PAMG). Pirapora, N.M.S. Costa 450 (PAMG). Mocambinho, M. Brandão 11911 (PAMG). Ituiutaba, M. Brandão 11001 (PAMG), Uberlândia, M. Brandão 11005 (PAMG). Corinto, M.B. Ferreira, 296 (PAMG).

HÁBITAT

Áreas recobertas pela formação Cerrado (Sete Lagoas, Curvelo, Felixlândia, Cordisburgo, Araxá, Uberlândia, Ituiutaba e Corinto) e pela Caatinga (Arinos, Pirapora, Mocambinho), esporadicamente em Campos Antrópicos.

NOMES POPULARES

Carrapicho, carrapichinho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

RUDD, V.E. The american species of *Aeschynomene*. *Bulletin of the United States National Herbarium*, Washington, v.32, part.1, p.1-172, 1955.

PLANTAS DANINHAS RARAMENTE MENCIONADAS OU NÃO CITADAS COMO OCORRENTES EM MINAS GERAIS – III ¹

MÍTZI BRANDÃO, MANUEL LOSADA GAVILANES e JULIO PEDRO LACA-BUENDIA

SUMÁRIO: São apresentadas 50 espécies de plantas daninhas tidas como raras ou ainda não mencionadas para o estado de Minas Gerais, ocorrentes em áreas urbanas, culturas e pastagens.

Palavras-chave: Plantas daninhas de Minas Gerais – Brasil.

SUMMARY: The authors present 50 species of weeds not reported before from the State of Minas Gerais, occurring in urban, cultivated areas and pastures.

Key-words: weeds, weeds of Minas Gerais – Brazil.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos, a introdução de novas culturas tem trazido consigo a entrada de sementes de plantas invasoras e/ou daninhas. À medida que tais culturas vão se instalando, essas sementes vão produzindo as primeiras plantas. Como são geralmente muito resistentes e boas produtoras de sementes, reproduzem-se ganhando, pouco a pouco, lugar de destaque nas novas culturas e naquelas já existentes. Muitas vezes a expansão dessas plantas passa a constituir um fator

preocupante para certas culturas, ou mesmo, para certas regiões:

MATERIAL E MÉTODOS

Foram identificadas as plantas daninhas enviadas de vários pontos do Estado e também aquelas coletadas durante a execução dos projetos em andamento. O material foi posteriormente comparado ao acervo existente no Herbário

^{1/} Aceito para publicação em 31 de março de 1991.

PAMG/EPAMIG e aquelas ainda não mencionadas foram listadas neste artigo.

RESULTADOS

São apresentadas 50 espécies tidas como plantas daninhas, conforme Lima (1967), Bacchi et al. (1984), Blanco (1976, 1980), Ferreira; Laca-Buendia (1978, 1979), Kuhlmann (1947), Leitão Filho et al. (1972, 1975), Lorenzi (1982), Sacco (1981) e Vinha (1983), mas ainda não citadas para Minas Gerais.

Tais espécies foram colhidas em lavouras de milho, feijão e arroz, em vinhedos e gramados, campos antrópicos e canais de drenagem e irrigação. Estão representadas por 21 famílias e 40 gêneros.

Algumas espécies são plantas daninhas que podem ser empregadas como ornamentais pelas belas flores que produzem, tais como: *Montanoa hibiscifolia* (Benth.) Schultz-Bip., *Thytonia diversifolia* (Helms) Gray., *Nothoscordum fragrans* Kunth, *Stygmaphyllum sagittatum* Juss., *Manettia ignita* Schum., *Nicotiana alata* L., *Nicotiana glauca* Gah. Outras são tidas como medicinais. São elas: *Stachytarphetta polyura* Schauer, *Scoparia elliptica* Cham et Schl., *Petiveria tetrandra* Gomez., L. *Salvia splendens* L. Há ainda espécies com boas taxas protéicas, que podem ser utilizadas como forrageiras: *Calopogonium mucunoides* Benth., *Desmodium uncinatum* (Jacq.) DC., *Aeschynomene sensitiva* Sw. e *Aeschynomene selloi* Vog.

Relacionam-se, no Quadro 1, as 50 espécies referidas, listadas segundo suas famílias e gêneros.

QUADRO 1 – Plantas Daninhas Raramente Mencionadas ou Não Citadas, como Ocorrentes em Minas Gerais – III

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Ocorrência
BORAGINACEAE		
<i>Heliotropium campestris</i> Gris.	Crista-de-galo	Pastagens
<i>Heliotropium hispidum</i> H.B.K.	Crista-de-galo	Pastagens
<i>Tournefortia paniculata</i> Cham.	Caruru-de-veado	Pastagens
CHENOPODIACEAE		
<i>Salsola pestifer</i> A. Nels		Terrenos baldios
COMPOSITAE		
<i>Centratherum parviflorum</i> Moria	Cravorana	Olericultura
<i>Montanoa hibiscifolia</i> (Benth.) Schultz-Bip.	Margarida-de-árvore	Terrenos baldios
<i>Tridax procumbens</i> L.	Margaridinha, erva-de-touro	Pastagens
<i>Tythonia diversifolia</i> (Helms) Gray	Margarida	Terrenos baldios
<i>Youngia japonica</i> (L.) DC.		Gramados
CONVOLVULACEAE		
<i>Ipomoea daturaefolia</i> Meissn.	Getirana	Pastagens
<i>Ipomoea fastigiata</i> (Willd.) Choisy	Getirana	Pastagens
<i>Jacquemontia tannifolia</i> (L.) Gris.	Getirana	Pastagens
CRUCIFERAE		
<i>Stellaria media</i> (L.) Cyrill	Esparguta	Vinhedos
CYPERACEAE		
<i>Cyperus prolixus</i> H.B.K.	Tirrica	Canais de drenagem
EUPHORBIACEAE		
<i>Croton geraense</i> (Baill.) Webster	Velamão	Eucalipto
FABACEAE		
<i>Aeschynomene selloi</i> Vog.	Carrapicho	Arroz
<i>Aeschynomene sensitiva</i> Sw.	Carrapicho	Arroz
<i>Calopogonium mucunoides</i> Benth.	Calopo	Olericultura

QUADRO 1 – Plantas Daninhas Raramente Mencionadas ou Não Citadas, como Ocorrentes em Minas Gerais – III
(Continua)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Ocorrência
FABACEAE		
<i>Canavalia brasiliensis</i> Benth.	Feijão-de-porco	Pastagens
<i>Desmodium uncinatum</i> (Jacq.) DC.	Carrapicho	Olericultura
<i>Galactia tenuifolia</i> Benth.		Olericultura
GRAMINEAE		
<i>Eragrostis megastachya</i> (Koel) K.	Capim-barbicha	Milho
<i>Paspalum fimbriatum</i> H.B.K.		Canais de drenagem
<i>Setaria vulpiseta</i> (Lam.) Roem. et Schlt.		Canais de drenagem
LABIATAE		
<i>Hyptis glomerata</i> Mart.	Hortelã	Pastagens
<i>Peltodon radicans</i> Mart.		Pastagens
<i>Salvia splendens</i> L.	Cardeal	Pastagens
LILIACEAE		
<i>Nothoscordon fragrans</i> Kunth.	Alho-bravo	Gramados
MALPIGHIACEAE		
<i>Stigmatophyllum sagittatum</i> Juss.	Chuva-de-ouro	Pastagens
MALVACEAE		
<i>Malva parviflora</i> L.	Malva	Olericultura
<i>Sida decumbens</i> L.		Milho
<i>Sida pseudopotentilloides</i> H. Monteiro	Vassoura	Milho
<i>Sidastrum micranthum</i> (St. Hil.) Fryxell	Vassoura	Pastagens
<i>Sidastrum paniculatum</i> (L.) Fryxell	Vassoura	Pastagens
PHYTOLACACEAE		
<i>Petiveria tetrandra</i> Gomez	Guiné	Terrenos baldios
RUBIACEAE		
<i>Manettia ignita</i> Schum.	Cardeal	Milho
SCROPHULARIACEAE		
<i>Maurantia erubescens</i> (Don.) A. Gray	–	Pastagens
<i>Scoparia elliptica</i> Cham. et Schl.	–	Pastagens
SOLANACEAE		
<i>Nicotiana alata</i> L.	Fumo	Pastagens
<i>Nicotiana glauca</i> Gah.	Fumo-amarelo	Gramados
STERCULIACEAE		
<i>Waltheria aspera</i> St. Hil.		Milho
<i>Waltheria bracteosa</i> St. Hil.	Vassoura	Milho
<i>Waltheria ferruginea</i> St. Hil.	Vassoura	Milho
<i>Waltheria rotundifolia</i> Schrank	Vassoura	Pastagens
TILIACEAE		
<i>Corchorus hirsutus</i> L.		Olericultura
<i>Melochia betonicifolia</i> St. Hil.	Vassoura	Feijão
<i>Melochia hermanioides</i> St. Hil.	Vassoura	Feijão
TURNERACEAE		
<i>Piriqueta duarteana</i> (Camb.) Urb.	–	Pastagens

QUADRO 1 – Plantas Daninhas Raramente Mencionadas ou Não Citadas, como Ocorrentes em Minas Gerais – III
(Conclusão)

Família/Nome Científico	Nome(s) Popular(es)	Ocorrência
VERBENACEAE		
<i>Lantana undulata</i> Schrank	Camará	Pastagens
<i>Stachytarpheta polyura</i> Schauer	Gervão	Pastagens

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCHI, O.; LEITÃO FILHO, H. de F.; ARANHA, C. **Plantas invasoras de culturas**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1984. v.3.
- BLANCO, H.G. Catálogo das espécies de mato infestantes de áreas cultivadas no Brasil – família do picão preto (Compositae). **O Biológico**, São Paulo, v.42, p. 62-97, 1976.
- BLANCO, H.G.; NOVO, M.C.S.S.; SANTOS, C.A.L. dos. Catálogo das espécies de mato infestantes de áreas cultivadas no Brasil – família do caruaru (Amaranthaceae). **O Biológico**, São Paulo, v.46, n.11, p.245-276, nov. 1980.
- FERREIRA, M.B.; LACA-BUENDIA, J.P. Espécies consideradas plantas daninhas em áreas cultivadas no Estado de Minas Gerais. **Planta Daninha**, Campinas, v.1, n.2, p. 16-26, set. 1978.
- FERREIRA, M.B.; LACA-BUENDIA, J.P. **Plantas daninhas em pastagens no Estado de Minas Gerais e recomendações para seu controle**. Belo Horizonte: EPAMIG, 1979. 43p.
- KUHLMANN, J.K.; OCCHIONI, P.; FALCÃO, J.I.A. Contribuição ao estudo das plantas ruderais do Brasil. **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.7, p. 43-133, dez. 1947.
- LEITÃO FILHO, H. de F.; ARANHA, C.; BACCHI, O. **Plantas invasoras de culturas no Estado de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1972. v.1.
- LIMA, D.A. Plantas invasoras da Zona da Mata de Pernambuco. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 15, 1964, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRS, 1967. p. 299-367.
- LEITÃO FILHO, H. de F.; ARANHA, C.; BACCHI, O. **Plantas invasoras de culturas no Estado de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1975. v.2.
- LORENZI, L. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais**. Nova Odessa, 1982. 524p.
- SACCO, J. da C. et al. **Ervas daninhas do Brasil: Solanaceae I - gênero *Solanum* L.** Brasília: EMBRAPA-DID, 1981. 54p. (EMBRAPA-DID. Documento, 20).
- VINHA, S.G. da et al. **Plantas herbáceas, epífitas, arbustivas e trepadeiras associadas à cultura de cacauero**. Ilhéus: Centro de Pesquisas do Cacau, 1983. 150p.

MANUEL LOSADA GAVILANES, MÍTZI BRANDÃO, CYNTHIA CARDOSO,
BRUNO QUEIROZ SILVEIRA, CLÁUDIO NEY D'ANGLERI FILHO e
MARIA ÂNGELA SOARES DE ARAÚJO

SUMÁRIO: Relacionam-se as plantas invasoras e/ou ruderais coletadas dentro do perímetro urbano e nas áreas cultivadas do município de Lavras, situado na Microrregião 199 (Alto Rio Grande), no Sul do estado de Minas Gerais. Foram encontradas, até o presente momento, 213 espécies, pertencentes a 46 famílias, representando 130 gêneros, sendo as famílias Compositae, Fabaceae, Malvaceae, Gramineae, Convolvulaceae e Solanaceae as mais representativas em número de espécies.

Palavras-chave: Plantas invasoras; plantas ruderais; plantas daninhas.

SUMMARY: Here are related the weed plants and/or ruderal ones collected within the limits of Lavras city and in rural areas of Lavras county, located in the Microrregion 199 (Alto Rio Grande) in the south of Minas Gerais State, Brazil, where were found up to date 213 species belonging to 46 botanic families, representing 130 genera. The most common families in relation to the number of species were Compositae, Fabaceae, Malvaceae, Gramineae, Convolvulaceae and Solanaceae.

Key-words: Weeds, Minas Gerais State, Brasil.

INTRODUÇÃO

Os núcleos de colonização inicialmente instalados durante o Período Colonial do Brasil, não tiveram planejamento racional, tendo sido destruída toda a vegetação original das áreas escolhidas.

Posteriormente, instalou-se uma flora ruderal, invasora por excelência, trazida pelo homem, juntamente com as sementes e implementos agrícolas, ou por animais, a qual povoa sistematicamente os terrenos baldios, as beiras de caminhos e invade as culturas em instalação (Brandão et al., 1982).

Essas plantas, com sua rusticidade e grande adaptabilidade aos diversos climas e solos (Marzocca (1976), Blanco (1982), Brandão et al. (1982) e Pitelli (1985)), além de utilizarem-se dos meios sofisticados de dispersão (Brandão; Cunha, 1982), instalam-se de maneira definitiva, crescendo e multiplicando-se.

O conhecimento dos componentes dessa flora invasora é de suma importância pois, além da competição promovida com as culturas, quando devem ser erradicadas ou controladas, mostram aspectos positivos, podendo ser utilizadas não só como plantas comestíveis (Brandão et al., 1985b), medicinais (Gavilanes et al., 1987), apícolas (Brandão et al., 1984), ornamentais (Brandão et al., 1985) e forrageiras (Ferreira et al., 1984; Brandão et al., 1985), mas também para outros fins (Brandão et al., 1985).

Devido aos seus aspectos tanto negativos como positivos, é importante que essa flora seja estudada de maneira mais restrita, dentro do município ou cidade, visando levar à população local informações a respeito de seu uso.

Este estudo objetiva:

- promover, em face da escassez de dados sobre plantas invasoras e/ou ruderais em terra mineiras, um levantamento das espécies do ponto de vista botânico;
- dar subsídios aos técnicos em herbicidas, alunos de graduação e de pós-graduação que atuam na Escola Superior de Agricultura de Lavras - ESAL (Lavras-MG), a fim de que possam identificar as plantas daninhas pelo método visual de comparação;
- colher dados que permitam responder a consultas que são periodicamente formuladas por agricultores e extensionistas da Região;
- fornecer informações que permitam, futuramente, um estudo morfo-anátomo-ecológico das espécies ocorrentes na área, objeto do presente levantamento;
- contribuir para o conhecimento da vegetação do município de Lavras.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNICÍPIO DE LAVRAS

O município de Lavras está localizado na região Sul do estado de Minas Gerais, Microrregião 199 (Alto Rio Grande),

^{1/} Aceito para publicação em 31 de março de 1991.

limitando-se com os municípios de Nepomuceno, Perdões, Ribeirão Vermelho, Ijaci, Itumirim, Ingai e Carmo da Cachoeira (Fig. 1). Sua posição geográfica é determinada pelas coordenadas 21°14'30" de latitude sul e 45°00'10" de longitude oeste (Fig. 2). As cotas altimétricas variam de 900 a 1.200m.

O clima, de acordo com a classificação de Köppen, é do tipo Cwb-mesotérmico, com verões brandos e suaves. Apresenta temperatura média de 19,3°C, com máximas de 26,9°C e mínimas de 14,0°C; umidade relativa média de 77,7%; precipitação de 1411,5mm e isolação total de 2230,4 h.

A rede de drenagem faz parte do Rio Grande e alguns cursos de água, dentre eles o Cervo e o Capivari, destacam-se por sua extensão e por determinar o limite de Lavras com municípios vizinhos (Fig. 2).

A cobertura vegetal é constituída por duas formações distintas: a florestal e a campestre (Gavilanes; Brandão, 1988). A florestal é representada pela Mata de Galeria ou Mata Ciliar, constituída por prolongamentos da Floresta Atlântica, através do Planalto Central, e se apresenta sob forma de Capões esparsos; a campestre é constituída pelo Cerrado, pelo Campo Rupestre e pelo Campo Limpo. Como formações antrópicas, ocorrem as Capoeiras e Capoeirões, assim como os Campos Antrópicos.

MATERIAL E MÉTODOS

As espécies desse estudo foram coletadas e identificadas nas seguintes áreas de interesse: áreas ajardinadas, beiradas de caminhos, terrenos baldios e loteamentos em expansão, dentro do perímetro urbano e áreas destinadas às culturas no município de Lavras.

O material básico para este trabalho vem sendo coletado desde 1983, encontrando-se devidamente catalogado e registrado no Herbário ESAL (Herbário do Departamento de Biologia da Escola Superior de Agricultura de Lavras, Lavras, MG), onde também foram realizadas consultas.

Por motivos de ordem prática, as famílias, bem como os gêneros e espécies, são citados em ordem alfabética. Após a citação, fazem-se referências ao(s) nome(s) popular(es) que as espécies recebem na Região (Quadro 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além da verificação das plantas daninhas e/ou invasoras coletadas em Lavras, em terrenos baldios, beiradas de calçadas e caminhos, áreas ajardinadas, loteamentos em expansão dentro do perímetro urbano e áreas de cultivo dentro do município, procurou-se observar a frequência dessas plantas, através de coletas e anotações apropriadas. Somente aquelas que ocorriam em tais ambientes foram consideradas como plantas invasoras e/ou daninhas, coletadas e depositadas no Herbário da ESAL.

As espécies foram assim enquadradas apenas quando coletadas em, no mínimo, três locais distintos do município, conforme preconizado por Cervi et al. (1987).

Até o presente momento, foram identificadas 213 espécies, englobadas em 130 gêneros, pertencentes a 46 famílias botânicas. As plantas estudadas encontram-se listadas no Quadro 1. No Quadro 2 são relacionadas as famílias e seus

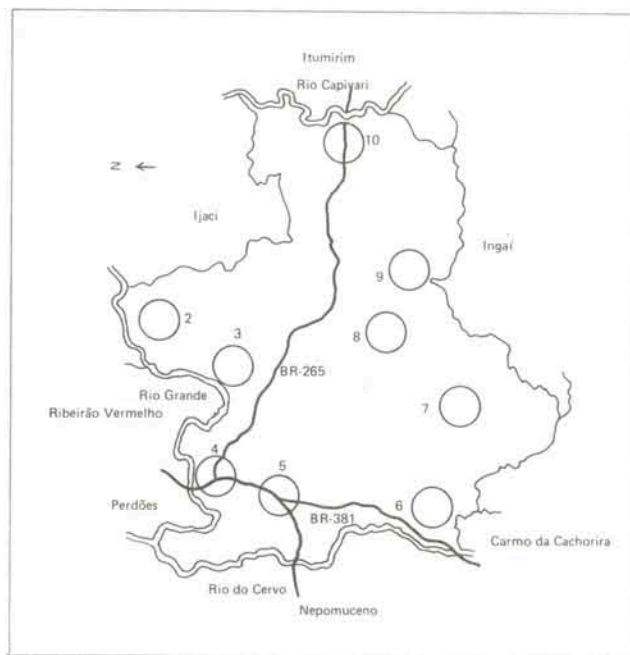


Figura – Esboço do município de Lavras, MG.
 NCTA: A área pontilhada representa o núcleo urbano. Os círculos representam locais de coleta. Os números indicam: 1 – núcleo urbano; 2 – proximidades da ponte do Funil; 3 – proximidades do bairro Niterói; 4 – proximidades do trevo de acesso a Lavras; 5 – trevo de Nepomuceno; 6 – proximidades da ponte do Rio do Cervo; 7 – proximidades da estação e Morro do Farias; 8 – proximidades da Serrinha; 9 – proximidades da Reserva Biológica do Poço Bonito e 10 – proximidades da ponte do Rio Capivari.

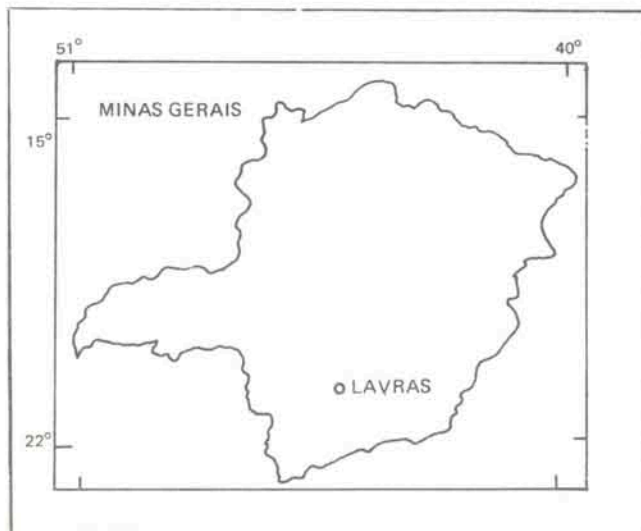


Figura 2 – Localização do município de Lavras, MG.

QUADRO 1 – Relação das Plantas Invasoras e/ou Ruderais que Ocorrem no Município de Lavras, MG

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)
ACANTHACEAE	<i>Thumbergia alata</i> Bojer <i>Thumbergia fragrans</i> Roxb.	Bunda-de-mulata Maria-sem-vergonha-branca
AMARANTHACEAE	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze <i>Alternanthera tenella</i> Colla <i>Amaranthus britum</i> L. <i>Amaranthus deflexus</i> L. <i>Amaranthus hybridus</i> L. <i>Amaranthus retroflexus</i> L. <i>Amaranthus spinosus</i> L. <i>Amaranthus viridis</i> L.	Carrapichinho Apaga-fogo; Carrapicho Caruru Caruru-vermelho Caruru-rasteiro Caruru Caruru-de-espinho Caruru-manchado
ASCLEPIADACEAE	<i>Asclepias curassavica</i> L.	Oficial-de-sala
BASELLACEAE	<i>Boussingaultia baselloides</i> H.B.K.	Bertalha
BIGNONIACEAE	<i>Pyrostegia venusta</i> Miers.	Cipó-de-são-joão
BORAGINACEAE	<i>Heliotropium amplexicaule</i> Vahl. <i>Heliotropium indicum</i> L.	Crista-de-galo Crista-de-galo
CAESALPINACEAE	<i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene <i>Chamaecrista rotundifolia</i> (Pers.) Greene <i>Senna bicapsularis</i> (L.) Roxb. <i>Senna tora</i> (L.) Irwin et Barnaley	Fedegoso Peninha Erva-coração Fedegoso
CAPPARACEAE	<i>Cleome spinosa</i> L.	Mussambé
CHENOPODIACEAE	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-santa maria
COMMELINACEAE	<i>Commelina agraria</i> Kunth. <i>Commelina nudiflora</i> L. <i>Tradescantia elongata</i> Meyer	Trapoeraba Trapoeraba; Capim-gomoso Trapoeraba
COMPOSITAE	<i>Acanthospermum australe</i> (Loef.) O. Kuntze <i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC. <i>Ageratum conyzoides</i> L. <i>Aspilia riedelii</i> Baker <i>Aster squamatus</i> (Spreng.) Hieron. <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. <i>Baccharis punctulata</i> DC. <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. <i>Bidens pilosa</i> L. <i>Blainvillea biaristata</i> DC. <i>Blainvillea rhomboidea</i> Cass. <i>Centratherum punctatum</i> Cass. <i>Chaptalia integerrima</i> (Vell.) Burk. <i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polak <i>Cosmos caudatus</i> H.B.K. <i>Cosmos sulphureus</i> Cav. <i>Elephantopus mollis</i> H.B.K. <i>Elvira biflora</i> (L.) DC.	Carrapicho-de-carneiro Macela Mentrasto Margaridinha Falso-mio-mio Alecrim Carqueja Carqueja Picão; Picão-preto Picão-grande Erva-palha Perpétua-do-mato Língua-de-vaca Língua-de-vaca Amor-de-moça Amor-de-moça Erva-grossa Margarida-verde

QUADRO 1 – Relação das Plantas Invasoras e/ou Ruderais que Ocorrem no Município de Lavras, MG

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)
COMPOSITAE	<i>Emilia sonchifolia</i> DC.	Pincel; Erva-pincel
	<i>Erechtites valerianaefolia</i> DC.	Capiçoba
	<i>Erigeron bonariensis</i> L.	Buva; Margaridinha-do-campo
	<i>Eupatorium squalidum</i> DC.	Mata-pasto
	<i>Galinsoga ciliata</i> (Raf.) Blake	Fazendeiro
	<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Picão-branco
	<i>Gamochaeta pensylvanica</i> (Willd.) Cabr.	Macela
	<i>Gamochaeta spicata</i> (Lam.) Cabr.	Macela-branca
	<i>Hypochoeris brasiliensis</i> Griseb.	Almeirão-do-cafezal
	<i>Melampodium divaricatum</i> DC.	Estrelinha
	<i>Orthopaps angustifolius</i> (Sw.) Gleason	Língua-de-vaca
	<i>Pterocaulon lanatum</i> O. Kuntze	Verbasco
	<i>Siegesbeckia orientalis</i> L.	Botão-de-ouro
	<i>Solidago microglossa</i> DC.	Erva-lanceta
	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralha
	<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-de-defunto
	<i>Tagetes minuta</i> L.	Rabo-de-rojão
	<i>Taraxacum officinale</i> Weber	Dente-de-leão
	<i>Vernonia bardanoides</i> Less.	Assa-peixe
	<i>Vernonia herbacea</i> (Vell.) Rusby	Assa-peixe
	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assa-peixe
	<i>Wulffia stenoglossa</i> DC.	Cambará-açu
	<i>Xanthium cavanillesii</i> Schouw	Espinho-de-carneiro
	<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Zínia
CONVOLVULACEAE	<i>Cuscuta racemosa</i> Mart.	Cipó-chumbo
	<i>Dichondra repens</i> Forster	Corriola
	<i>Ipomoea aristolochiaefolia</i> (H.B.K.) Don	Corda-de-viola
	<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet	Campainha
	<i>Ipomoea coccinea</i> L.	Campainha
	<i>Ipomoea cynanchifolia</i> Meissn.	Corda-de-viola
	<i>Ipomoea hederifolia</i> L.	Corda-de-viola
	<i>Ipomoea longicuspis</i> Meissn.	Corriola
	<i>Ipomoea purpurea</i> Lam.	Campainha
	<i>Ipomoea quamoclit</i> L.	Cipó-esqueleto
	<i>Merremia macrocalyx</i> (Ruiz et Pav.) O'Donnel	Campainha-branca
CRUCIFERAE	<i>Brassica campestris</i> L.	Nabiça
	<i>Lepidium pseudodidymum</i> Thell.	Mastruz
	<i>Lepidium rudelale</i> L.	Mastruço
	<i>Lepidium virginicum</i> L.	Mentrasto
	<i>Raphanus raphanistrum</i> L.	Nabiça
	<i>Sinapsis arvensis</i> L.	Mostarda
CUCURBITACEAE	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano
CYPERACEAE	<i>Cyperus cayennensis</i> (Lam.) Britton	Tiririca
	<i>Cyperus lanceolatus</i> Poir.	Tiririca
	<i>Cyperus luzulae</i> (L.) Retz	Tiririca
	<i>Dichromena ciliata</i> Vahl.	Capim-estrela
	<i>Eleocharis elegans</i> (H.B.K.) Roem. et Schult.	Junco-manso
	<i>Eleocharis filiculmis</i> Kunth.	Junco-manso-pequeno
	<i>Fimbristylis diphylla</i> (Retz) Vahl.	Falso-alecrim-da-praia

QUADRO 1 – Relação das Plantas Invasoras e/ou Ruderais que Ocorrem no Município de Lavras, MG

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)
EUPHORBIACEAE	<i>Croton glandulosus</i> (L.) Muell. Arg.	Gervão-branco
	<i>Croton lundianus</i> (F. Diedr.) Muell. Arg.	Gervão-branco
	<i>Euphorbia brasiliensis</i> Lam.	Leiteira
	<i>Euphorbia comosa</i> Vell.	Leiteira
	<i>Euphorbia heterophylla</i> L.	Amendoim-bravo; Leiteira
	<i>Euphorbia pilulifera</i> L.	Erva-de-santa-luzia
	<i>Euphorbia prostrata</i> Ait.	Quebra-pedra-rasteiro
	<i>Phyllanthus corcovadensis</i> Muell. Arg.	Erva-pombinha
	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona
FABACEAE	<i>Aeschynomene falcata</i> (Poir.) DC.	Carrapichinho
	<i>Aeschynomene paniculata</i> L.	Carrapichinho
	<i>Clitoria glycinioides</i> DC.	Mata-cabra
	<i>Crotalaria anagyroides</i> H.B.K.	Chocalho
	<i>Crotalaria incana</i> L.	Chocalho
	<i>Crotalaria lanceolata</i> E. Mey	Chocalho
	<i>Crotalaria unifoliolata</i> Benth.	Chocalho
	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Pega-pega
	<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.	Barbadinho
	<i>Desmodium incanum</i> DC.	Carrapicho
	<i>Desmodium purpureum</i> (Mill.) Fawc. et Rendle	Carrapicho
	<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Anileira
	<i>Phaseolus lathyroides</i> L.	Feijão-de-pomba
	<i>Rhynchosia minima</i> (L.) DC.	Tentinho
	<i>Stylosanthes acuminata</i> Ferr. et Costa	Alfafa-do-campo
	<i>Stylosanthes guyanensis</i> (Aubl.) Sw.	Alfafa-do-campo
	<i>Stylosanthes leiocarpa</i> Vog.	Alfafa-do-campo
	<i>Stylosanthes scabra</i> Vog.	Alfafa-do-campo
	<i>Stylosanthes viscosa</i> Swartz	Alfafa-do-campo
<i>Zornia curvata</i> Mohlebr.	Urinária	
<i>Zornia latifolia</i> Sm.	Urinária	
<i>Zornia reticulata</i> Sm.	Urinária	
GRAMINEAE	<i>Brachiaria plantaginea</i> (Link.) Hitch.	Capim-marmelada
	<i>Cenchrus echinatus</i> L.	Capim-carrapicho
	<i>Chloris pichnothrix</i> Trin.	Falso-pé-de-galinha
	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	Gramma-seda
	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	Capim-pé-de-galinha
	<i>Eragrostis pilosa</i> (L.) Beauv.	Capim-orvalho
	<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.	Capim-gordura
	<i>Paspalum paniculatum</i> L.	Capim-amargoso
	<i>Paspalum plicatulum</i> Mich.	Capim-colchão
	<i>Rhynhelitrum repens</i> (Willd.) Hubbard	Capim-favorito
	<i>Setaria geniculata</i> (Lam.) Beauv.	Capim-rabo-de-gato
	<i>Sporobolus indicus</i> (L.) R. Br.	Capim-moirão
	LABIATAE	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit.
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.		Cordão-de-frade
<i>Leonurus sibiricus</i> L.		Cordão-de-são-francisco
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl.) Kuntze		Hortelã-do-brasil
<i>Peltodon radicans</i> Pohl.		Capelão-do-mato

QUADRO 1 – Relação das Plantas Invasoras e/ou Ruderais que Ocorrem no Município de Lavras, MG

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)
LILIACEAE	<i>Nothoscordon fragrans</i> Kunth.	Alho-bravo
LOGANIACEAE	<i>Buddleia brasiliensis</i> Jacq.	Barbasco
LORANTHACEAE	<i>Psitacanthus robustus</i> Mart.	Erva-de-passarinho
LYTHRACEAE	<i>Cyphea carthagenensis</i> (Jacq.) MacBride <i>Cuphea mesostemon</i> Koehne	Sete-sangrias Sete-sangrias
MALVACEAE	<i>Gaya pilosa</i> K. Schum <i>Gaya gaudichaudiana</i> St.-Hil. <i>Hibiscus sabdariffa</i> L. <i>Pavonia sagittata</i> St.-Hil. <i>Peltaea polymorpha</i> (St.-Hil.) Krapf. & Crist. <i>Sida cordifolia</i> L. <i>Sida linifolia</i> Cav. <i>Sida macrodon</i> DC. <i>Sida rhombifolia</i> L. <i>Sida santaremnensis</i> H. Monteiro <i>Sida spinosa</i> L. <i>Sida urens</i> L. <i>Urena lobata</i> L.	Guanxuma Guanxuma Azedinha Malvisco Malva Vassoura; Guanxuma Malva Malva Malva Malva Guanxuma Vassoura; Guanxuma Malva Guanxuma-roxa
MIMOSACEAE	<i>Mimosa invisa</i> Mart. <i>Mimosa pudica</i> L.	Arranha-canela Sensitiva
NYCTAGINACEAE	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Maravilha
ONAGRACEAE	<i>Ludwigia sericea</i> (Cambess) Hara <i>Ludwigia suffruticosa</i> (L.) Hara	Cruz-de-malta Cruz-de-malta
OXALIDACEAE	<i>Oxalis corniculata</i> L. <i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. et Zucc. <i>Oxalis oxypetala</i> Prog.	Trevo Tevo-peludo Azedinha; Trevo
PHYTOLACCACEAE	<i>Phytolacca thyrsoiflora</i> Fenzl.	Tinge-ovos; Caruru-bravo
PLANTAGINACEAE	<i>Plantago tomentosa</i> Lam.	Tanchagem
POLYGALACEAE	<i>Polygala hebeclada</i> DC. <i>Polygala paniculata</i> L. <i>Polygala violacea</i> Aubl.	Pé-de-galinha Barba-de-são pedro Violeta; Roxinha
POLYGONACEAE	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Mich.	Erva-de-bicho
PORTULACACEAE	<i>Portulaca oleracea</i> L. <i>Talinum patens</i> (Jacq.) Willd.	Beldroega Língua-de-vaca
RUBIACEAE	<i>Borreria capitata</i> (Ruiz et Pav.) DC. <i>Borreria eryngioides</i> Cham. et Schlecht. <i>Borreria nervosa</i> Pohl. ex. DC. <i>Borreria suaveolens</i> G.F.W. Meyer <i>Borreria verticillata</i> (L.) G.F.W. Meyer	Poaia Poaia Poaia-enrugada Poaia-do-cerrado Cabeça-branca

QUADRO 1 – Relação das Plantas Invasoras e/ou Ruderais que Ocorrem no Município de Lavras, MG

Família	Nome Científico	Nome(s) Popular(es)
	<i>Diodia teres</i> Walt.	Poaia-do-campo
	<i>Manettia ignita</i> Schum.	Flor-de-santo antônio
	<i>Relbunium hypocarpium</i> (L.) Hemsley	Cipó-de-sapo
	<i>Richardia brasiliensis</i> Gomez	Poaia-branca
SAPINDACEAE	<i>Cardiospermum halicacabum</i> L.	Chumbinho
	<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	Timbó
SCROPHULARIACEAE	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha
SOLANACEAE	<i>Datura arborea</i> L.	Saia-branca
	<i>Datura suaveolens</i> Humb. et Bompl.	Trombeteira
	<i>Datura stramonium</i> L.	Figueira-do-inferno
	<i>Physalis angulata</i> L.	Joá-de-capote
	<i>Physalis pubescens</i> L.	Bucho-de-rã
	<i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq.	Joá-bravo
	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Maria-preta
	<i>Solanum erianthum</i> D. Don	Fumo-bravo
	<i>Solanum fastigiatum</i> Willd.	Joá
	<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	Joá-da-roça
	<i>Solanum viarum</i> Dun.	Joá-bravo
STERCULIACEAE	<i>Waltheria indica</i> L.	Malva-peluda
TILIACEAE	<i>Corchorus hirtus</i> L.	Vassoura
	<i>Triunfetta bartramia</i> L.	Carrapicho-de-calçada
	<i>Triunfetta semitriloba</i> Jacq.	Carrapicho-miúdo
TROPAEOLACEAE	<i>Tropaeolum majus</i> L.	Capuchinha; Chagas
TURNERACEAE	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Chanana
UMBELLIFERAE	<i>Apium leptophyllum</i> (Pers.) F. Muell.	Mastruço
	<i>Hydrocotyle umbellata</i> L.	Erva-capitão
URTICACEAE	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebmann	Brilhantina
VERBENACEAE	<i>Lantana brasiliensis</i> Link.	Cambará-branco
	<i>Lantana camara</i> L.	Erva-chumbinho; Cambará
	<i>Lantana fucata</i> Lindl.	Lantana
	<i>Lantana lilacina</i> Desf.	Milho-de-grilo
	<i>Starchytarpheta cayennensis</i> (L.C. Rich) Vahl.	Gervão-azul
	<i>Verbena bonariensis</i> L.	Cambará-de-capoeira
VITACEAE	<i>Cissus erosa</i> Rich.	Uva-brava
ZINGIBERACEAE	<i>Hedychium coronarium</i> Koenig	Lírio-do-brejo

respectivos números de gêneros e de espécies.

São citadas como espécies mais comuns, embora nem sempre as mais herbarizadas: *Alternanthera jenella* Colla (apaga-fogo), *Amaranthus spinosus* L. (caruru-de-espinho),

Sida cordifolia L. (vassoura), *Bidens pilosa* L. (picão), *Emilia sonchifolia* DC. (erva-pincel), *Asclepias curassavica* L. (oficial-de-sala), *Elephantopus mollis* H.B.K. (erva-grossa), *Taraxacum officinale* Weber (dente-de-leão), *Ipomoea cairica* (L.) Sweet

QUADRO 2 – Famílias, Número de Gêneros e de Espécies de Plantas Invasoras e/ou Ruderais no Município de Lavras, MG

Família	Gênero	Espécie
ACANTHACEAE	1	2
AMARANTHACEAE	2	8
ASCLEPIADACEAE	1	1
BASELLACEAE	1	1
BIGNONIACEAE	1	1
BORAGINACEAE	1	2
CAESALPINACEAE	1	4
CAPPARACEAE	1	1
CHENOPODIACEAE	1	1
COMMELINACEAE	2	3
COMPOSITAE	32	42
CONVOLVULACEAE	4	11
CRUCIFERAE	4	6
CUCURBITACEAE	1	1
CYPERACEAE	4	7
EUPHORBIACEAE	4	9
FABACEAE	9	22
GRAMINEAE	11	12
LABIATAE	5	5
LILIACEAE	1	1
LOGANIACEAE	1	1
LORANTHACEAE	1	1
LYTHRACEAE	1	2
MALVACEAE	6	13
MIMOSACEAE	1	2
NYCTAGINACEAE	1	1
ONAGRACEAE	1	2
OXALIDACEAE	1	3
PHYTOLACACEAE	1	1
PLANTAGINACEAE	1	1
POLYGALACEAE	1	3
POLYGONACEAE	1	1
PORTULACACEAE	2	2
RUBIACEAE	5	9
SAPINDACEAE	2	2
SCROPHULARIACEAE	1	1
SOLANACEAE	3	11
STERCULIACEAE	1	1
TILIACEAE	2	3
TROPAEOLACEAE	1	1
TURNERACEAE	1	1
UMBELLIFERAE	2	2
URTICACEAE	1	1
VERBENACEAE	3	6
VITACEAE	1	1
ZINGIBERACEAE	1	1
TOTAL		
46	130	213

(getirana), *Momordica charantia* L. (melão-de-são-caetano), *Euphorbia prostata* Ait. (quebra-pedra-rasteiro), *Cenchrus echinatus* L. (amor-agarradinho), *Phyllanthus corcovadensis* Muell. (quebra-pedra), *Solanum americanum* Mill. (maria-preta) e *Ricinus communis* L. (mamona). Essas espécies também são citadas por Brandão et al. (1982), dentre aquelas mais comuns, para o estado de Minas Gerais.

Foi constatada a presença de espécies que raramente são mencionadas ou que ainda não foram citadas como sendo plantas daninhas e/ou ruderais, no estado de Minas Gerais, segundo Brandão et al. (1985a, 1986). As espécies em questão foram: *Thumbergia fragrans* Roxb. (maria-sem-vergonha-branca), *Heliotropium amplexicaule* Vahl. (crista-de-galo), *Wulffia stenoglossa* DC. (cambará-açú), *Zinnia elegans* Jacq. (zinia), *Cuscuta racemosa* Mart. (cipó-chumbo), *Euphorbia comosa* Vell. (leiteira), *Aeschynomene falcata* (Poir.) DC. e *A. paniculata* L. (carrapichinhos), *Peltodon radicans* Pohl. (capelão-do-mato), *Nothoscordum fragrans* Kunth. (alho-bravo), *Mirabilis jalapa* L. (maravilha), *Ludwigia sericea* (Cambess.) Hara (cruz-de-malta), *Pilea microphylla* (L.) Liebmann (brilhantina), *Boussingaultia baselloides* H.B.K. (bertalha), *Aspilia riedelii* Baker (margaridinha), *Cosmos sulphureus* Cav. (amor-de-moça), *Gaya gaudichaudiana* St.-Hil. (guanxuma), *Oxalis hirsutissima* Mart. et Lucc. (trevo-peludo) e *Cissus erosa* Rich. (uva-brava).

Pretende-se, em uma próxima etapa, caracterizar as prováveis potencialidades econômicas das espécies identificadas, além de fornecer dados sobre sua morfologia, fenologia, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANCO, H.G. Ecologia das plantas daninhas; competição de plantas daninhas em culturas brasileiras. In: MARCONDES, D.A. et al. **Controle integrado de plantas daninhas**. São Paulo: CREA, 1982, p. 43-75.
- BRANDÃO, M.; CUNHA, L.H. de S. Meios de dispersão empregados por plantas daninhas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.8, n.87, p. 4-10, mar. 1982.
- BRANDÃO, M.; GAVILANES, M.L.; LACA-BUENDIA, J.P. Plantas daninhas raramente mencionadas ou não citadas como ocorrentes em Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.11, n.129, p. 12-15, set. 1985a.
- BRANDÃO, M.; LACA-BUENDIA, J.P.; GAVILANES, M.L. Principais plantas daninhas no Estado de Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.8, n.87, p. 18-26, mar. 1982.
- BRANDÃO, M. et al. Novos enfoques para plantas consideradas daninhas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.11, n.129, p. 3-12, set. 1985b.
- BRANDÃO, M. et al. Plantas consideradas daninhas para cultura como fontes de néctar e polén. **Planta Daninha**, Campinas, v.7, n.2, p. 1-22, dez. 1984.
- BRANDÃO, M. et al. Plantas daninhas raras ou ainda não mencionadas para o Estado de Minas Gerais. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 37, 1986, Ouro Preto. **Resumos...** Ouro Preto: UFOP, 1986, p. 212.
- CERVI, A.C. et al. Catálogo das plantas ruderais da cidade de Curitiba-PR; estudos preliminares II. **Revista do Setor de Ciências Agrárias**, Curitiba, v.9, n.1/2, p. 157-163, 1987.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M. Cobertura vegetal da Reserva Biológica Municipal do Poço Bonito, Lavras, Minas Gerais, Brasil – I: Formação Cerrado. **Napaea**, Porto Alegre, v.5, p. 5-11, 1988.
- GAVILANES, M.L.; BRANDÃO, M.; CARDOSO, C. Levantamento das plantas daninhas utilizadas como medicinais, de uso popular. **Órbeades**, Belo Horizonte, v.8, n.14/15, p. 34-47, 1987.
- MARZOCCA, A. **Manual de malezas**. 3.ed. actual. Buenos Aires: Ed. Hemisferio Sur, 1976. 564p.
- PITELLI, R.A. Interferências de plantas daninhas em culturas agrícolas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.11, n.129, p. 16-27, set. 1985.

INFORMAÇÕES

1. A Revista Daphne aceita, para publicação, trabalhos de Botânica referentes à flora do estado de Minas Gerais, com até 15 laudas, incluindo as ilustrações.
2. Os artigos devem ser apresentados em três vias, datilografados em papel ofício, em espaço duplo, e com a estrutura tradicional de artigo científico: título, sumário, summary, introdução, material e métodos, resultados, discussões e conclusões, agradecimentos e referências bibliográficas.
3. Os nomes dos autores, seus títulos, a instituição a que pertencem, local onde o trabalho foi realizado, bem como o endereço para solicitação de cópias do artigo, devem vir especificados em folhas separadas. Menção a bolsas, auxílios, parte de tese ou outros dados indispensáveis, relativos à produção do trabalho e seus autores, poderão ser citados para inclusão no rodapé.
4. O resumo não deve ultrapassar 300 palavras, nem conter citações bibliográficas. Duas a cinco palavras-chaves (key-words) devem vir após o sumário.
5. As referências e citações bibliográficas devem seguir as normas atuais da ABNT.
6. Os desenhos devem ser feitos com tinta nanquim preta, em papel vegetal, ou a lápis, em papel próprio para desenho, em tamanho maior do que aquele em que deverão ser impressos, para assegurar a nitidez após a redução.
7. Outros detalhes para a apresentação dos originais podem ser requisitados à Comissão Editorial da Revista.

